



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

*A utilização das novas tecnologias
no ensino da Música*



Relatório apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Ensino da Música

CATÓLICA PORTO

Valter Estevens

Porto, Setembro de 2018



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

*A utilização das novas tecnologias
no ensino da Música*



Relatório apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Ensino da Música

CATÓLICA PORTO

Valter Estevens

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Pedro Monteiro

Porto, Setembro de 2018



Agradecimentos:

À minha família pelo apoio incondicional.

Aos meus colegas de curso que foram um pilar bastante importante.

Aos meus colegas de escola pela motivação e apoio.

A todos os restantes Professores do curso que contribuíram para a minha formação.

Aos meus orientadores, pela partilha de saberes, disponibilidade e orientação.

A todos os intervenientes nesta investigação, por possibilitarem a sua concretização, pela curiosidade e disposição.

Agradeço especialmente a toda a comunidade escolar do Conservatório Regional do Algarve – Maria Campina e à Academia de Música de Tavira

CATÓLICA PORTO

“The past is reinvented and becomes the future. But the lineage is everything.”

Philip Glass

Words Without Music: A Memoir



ÍNDICE

ÍNDICE	4
ÍNDICE DE IMAGENS E ANEXOS	6
Parte I - Relatório da prática profissional	
1 -INTRODUÇÃO	8
2 - ENQUADRAMENTO	9
2.1 - ENTIDADE ACOLHEDORA	9
2.2 - PERCURSO PROFISSIONAL	10
2.3 - ÁREA DO ESTÁGIO	11
2.4-OUTROS	12
3-DESCRIÇÃO	13
3.1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	13
3.2 - OBJETIVOS	13
3.3 - ESTRATÉGIA PLANEADAS	14
3.4 - CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS LECIONADAS	15
3.5 - AULAS DADAS E ASSISTIDAS	15
3.6 - PLANIFICAÇÕES	16
3.7 - ELABORAÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS	17
3.8 - INTEGRAÇÃO NO GRUPO PROFISSIONAL	17
3.9 - REFLEXÃO SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS	18
4 - DESCRIÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO	19
5 - AVALIAÇÃO	20
5.1 - COAVALIAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE PELOS COLEGAS	21
6 - REFLEXÃO SOBRE A APRENDIZAGEM DURANTE A PRÁTICA PROFISSIONAL	22



Parte II - Relatório do projeto de intervenção pedagógica

1 - RESUMO:	24
2 - ABSTRACT:	25
3- INTRODUÇÃO	26
4 - ESTADO DA ARTE	27
5 - METODOLOGIA	34
6 - CARACTERÍSTICAS DA TURMA E ESPAÇO DE INTERVENÇÃO NUMA ANÁLISE SWOT	37
7 - CRONOGRAMA	38
8 - EARMASER	40
9 - MUESCORE	42
10 - APLICAÇÃO DOS SOFTWARES	44
11 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	48
12 - CONCLUSÕES	51
BIBLIOGRAFIA	55
ANEXOS	59

CATÓLICA PORTO



Índice de imagens e anexos

IMAGEM 1: CRONOGRAMA DAS 4 FASES DE INTERVENÇÃO	38
IMAGEM 2: MENU INICIAL DO PROGRAMA <i>EAR MASTER</i>	40
IMAGEM 3: <i>EAR MASTER</i> NA VERTENTE DO JOGO RÍTMICO	41
IMAGEM 4: FICHEIRO ABERTO EM <i>MUESCORE</i>	42
IMAGEM 5: FICHEIRO ABERTO EM <i>MUESCORE</i>	43
IMAGEM 6: MENU DE ESCOLHA DE CÉLULAS RÍTMICAS PARA O JOGO RÍTMICO NO PROGRAMA <i>EAR MASTER</i>	45
IMAGEM 7: JOGO DE DETECÇÃO DE INTERVALOS HARMÓNICOS E MELÓDICOS	46
IMAGEM 8: 2º TURNO DO 3º GRAU DIVIDIDO EM GRUPOS DE TRABALHO	47
IMAGEM 9: AVALIAÇÃO DO 2º TURNO DURANTE OS 3 PERÍODOS	49
IMAGEM 10: AVALIAÇÃO DO 1º TURNO DURANTE OS 3 PERÍODOS	49
IMAGEM 11: MÉDIAS DOS DOIS TURNOS	50
ANEXO I: PLANIFICAÇÃO FASE 1	60
ANEXO II: PLANIFICAÇÃO FASE 2	64
ANEXO III: PLANIFICAÇÃO FASE 3	68
ANEXO IV: PLANIFICAÇÃO FASE 4	72
ANEXO V: OBSERVAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS I	78
ANEXO VI: OBSERVAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS II	81
ANEXO VII: FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO	84
ANEXO VIII: QUESTIONÁRIO E TRATAMENTO DE RESULTADOS	85
ANEXO IX: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO	97



Parte I – Relatório da prática profissional

CATÓLICA PORTO



1 - Introdução

O presente trabalho tem como objetivo conhecer as novas tecnologias, enquanto instrumentos de apoio ao professor de música e a sua influência na aprendizagem dos alunos. Neste sentido são desenvolvidos vários aspetos sobre diferentes tipos de ferramentas e o modo como estas novas tecnologias podem inserir-se no currículo do ensino da música.

O relatório da prática profissional está estruturado em duas partes, contextualizando os espaços de aprendizagem e os complementos pedagógicos que a apoiam. Partindo de uma reflexão ao nível da didática, pensada tomando também em consideração o meu projeto de intervenção pedagógica, são criadas pontes para o reconhecimento, análise e elaboração de novos materiais pedagógicos, que, por conseguinte, deixam caminho aberto ao cumprimento dos objetivos e metas fixados na planificação anual de trabalho e à operacionalização do ensino e das aprendizagens edificadas a partir do conhecimento científico e pedagógico/didático que se identificou e procurou-se desenvolver.

A análise sobre a utilização das novas tecnologias no ensino da música, enquanto ferramentas de apoio ao professor, foi a base em que assentou a presente investigação, visto os alunos “acusarem” a Formação Musical de ser “sempre a mesma coisa”. Da reflexão sobre esta questão, surgiu a ideia de realizar um projeto de intervenção em contexto de sala de aula, pretendendo-se com ele alcançar algumas respostas que no futuro poderão auxiliar o professor, didaticamente, levando à adaptação e reformulação da prática pedagógica e uma desejada compreensão e recetividade dos alunos em relação à mesma. Em particular, tenta-se averiguar e conhecer o impacto e influências que as novas tecnologias têm junto dos professores e dos alunos na área da música.

O professor deve procurar, de acordo com as suas necessidades, ganhar novas experiências e habilitações, no que diz respeito à educação e às novas tecnologias, tornando-as mais sistematizadas na prática profissional. A aplicação e a intervenção das tecnologias, através da prática pedagógica, dependem da formação e da forma como o processo de transformação é entendido, pois este poderá ser visto como algo benéfico, favorável ao trabalho docente, ou visto como algo que ameaça esse mesmo



trabalho, levando-o a desviar-se dos objetivos e conteúdos da disciplina.

2 - ENQUADRAMENTO

2.1 - Entidade acolhedora

O Conservatório Regional do Algarve – Maria Campina (CRAMC) é uma escola de ensino especializado de música e dança, e inscreve-se nos moldes do ensino básico e secundário. O Ensino Artístico Especializado (também conhecido como Educação Artística Vocacional) consiste numa formação especializada. É destinado a indivíduos que pretendem desenvolver competências artísticas tendo em vista uma carreira no domínio das artes. Este tipo de ensino pode ser encontrado no Básico e no Secundário e funciona em escolas que podem ser públicas, particulares e/ou cooperativas, como é o caso. A entrada neste tipo de ensino implica a realização de testes de admissão segundo os termos da Lei (Portaria n.º 243-B/2012 - Diário da República n.º 156/2012, 1º Suplemento, Série I de 2012-08-13).

O Conservatório Regional do Algarve Maria Campina funciona em regime de ensino particular e cooperativo, gozando de autonomia pedagógica, administrativa e financeira, ao abrigo do Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo de nível não superior.

Em Outubro de 1972, fundado por Maria Campina, com o apoio da C.M. de Faro, da Junta Distrital e da Casa do Algarve e Lisboa, o Conservatório iniciou a sua atividade em instalações adjacentes ao Teatro Lethes, cedidas gentilmente pela Cruz Vermelha Portuguesa.

Com o aumento constante do número de alunos, tornou-se imperiosa a criação de um novo espaço, dotado de condições adequadas à prossecução dos seus objetivos, tendo D. Maria Campina, juntamente com o seu esposo, Pedro Ruivo, começado a envidar os esforços necessários. Após o seu falecimento, em 1984, foi Pedro Ruivo que deu continuidade à obra e tornou possível a construção de um novo edifício, em terreno cedido pela Câmara Municipal de Faro, com importante apoio financeiro governamental, tendo o novo edifício começado a funcionar em pleno desde Outubro de 1991.



Desde o seu início, o Conservatório tornou-se no mais importante agente de ensino e divulgação da Música e da Dança no Algarve, não só através da sua atividade letiva, como também pelos muitos recitais e espetáculos que dinamizou na região. É de assinalar que, dos alunos que frequentaram o Conservatório, são vários os que atualmente estão já ligados profissionalmente à música, como professores ou intérpretes, tanto nesta própria instituição como em outras.

2.2 - Percurso profissional

Valter Estevens embora tenha nascido em Tavira, Portugal em 1977, passou uma parte da infância na Alemanha. Desde cedo demonstrou um gosto pela música, mas apenas na adolescência pegou pela primeira vez num instrumento musical. Apenas depois de pertencer a algumas bandas locais, decidiu iniciar os estudos no Conservatório Regional do Algarve, no curso de Guitarra Clássica com o professor Eudoro Grade. Mais tarde concluiu a Licenciatura em Formação Musical no Instituto Superior D. Afonso III (INUAF) e neste momento encontra-se a frequentar o Mestrado em Ensino da Música na Universidade Católica do Porto.

Durante o percurso participou em formações na área da educação na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), workshops de jazz, cursos de produção musical no INUAF, participando como músico convidado em vários projectos, coordenando alguns programas de rádios locais e Presidente da Associação Cultural Rock da Baixa-Mar durante 8 anos.

Neste momento leciona na Academia de Música de Tavira (AMT) e no CRAMC como Professor de Formação Musical e Classe de Conjunto.

Paralelamente desenvolveu atividades como Músico, Compositor/Produtor e Técnico de iluminação.

Formações:

- Licenciatura em Formação Musical com transversalidade em artes performativas, no Instituto Superior Dom Afonso III - INUAF

- Curso Livre de Produção Musical no Colégio de Pós-Graduações do Instituto Superior Dom Afonso III – INUAF, 2010.



-Formação de professores online para o Ensino da Música no 1º Ciclo do ensino básico (1ª edição), com o Professor Pedro Fragoso, organizado pela Drealg, em 2008.

- Oficinas de formação para Professores / Animadores musicais das atividades de enriquecimento curricular do 1º ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML) em 2007:

Aquisição de competências sensoriais

O Ritmo - Aquisição de competências sensoriais

A Melodia - Aquisição de competências sensoriais

A Harmonia - Explorar o mundo dos sons

- Masterclass com o Professor de Guitarra Clássica António Jorge Gonçalves, da Escola Superior de Música (ESML), em 2004.

- Workshop “Jazz na filarmónica”, realizada pelo grémio das músicas e coordenado pelo Contrabaixista Zé Eduardo, em 2003.

- Ação nº 6209 - Técnicas de comunicação oral, realizada pelo Centro Protocolar de formação profissional para jornalistas (CENJOR), no período de 20 de Setembro de 1996 a 06 de Outubro de 1996, com a duração de 42 horas.

- Ação nº 6203 - Animação de emissão, realizada pelo Centro Protocolar de formação profissional para jornalistas (CENJOR), no período de 13 de Janeiro de 1995 a 29 de Janeiro de 1995, com a duração de 42 horas.

2.3 - Área do Estágio

A base para a profissionalização na disciplina de Formação Musical incidiu na utilização das novas tecnologias aplicadas e utilizadas na sala de aula, tanto em Formação Musical como em Classe de Conjunto Coral. Assim sendo, tanto a Formação Musical como a Classe de Conjunto são consideradas áreas de estágio em questão.



2.4–Outros

Ao lado da disciplina de Formação musical e Classe de conjunto coral lecionadas no Conservatório Regional do Algarve em Faro, leciona também ambas as disciplinas na Academia de Música de Tavira, exercendo atividades paralelas no mundo do espetáculo como músico e técnico de iluminação em espetáculos.

No fundo, este percurso permitiu refletir, com outro grau de maturidade a experiência sobre as relações interpessoais requeridas nos processos de aprendizagem (respetivas implicações, vantagens e desvantagens), munindo-se de ferramentas que considera essenciais ao sucesso pedagógico/didático.



CATÓLICA PORTO



3–Descrição

3.1 - Contextualização da prática pedagógica

O projeto educativo tem como missão fundamental o ensino da música de excelência para todos, alicerçando as suas ideias na criação de condições capazes de promover o sucesso educativo dos alunos. Desta forma, pretende-se melhorar a qualidade do ensino artístico de música, com vista a uma maior procura desta oferta educativa como opção vocacional de futuros alunos.

É na superação dos constrangimentos e na exploração das potencialidades que se tocam as estratégias definidas para a formação de indivíduos cada vez mais autónomos e construtivos, inseridos numa sociedade mais responsável, solidária e sensível às manifestações culturais e artísticas. Procura-se garantir a eficiência do plano de ação também ao nível do desenvolvimento pessoal, numa tentativa de congregar esforços para o desenvolvimento da aptidão vocacional.

É então mais fácil otimizar o funcionamento pedagógico através da implementação das estratégias; sensibilizar a comunidade educativa para a importância da participação ativa na mesma; promover uma eficaz divulgação da informação; consciencializar para as especificidades do ensino artístico; promover e desenvolver atividades de enriquecimento curricular que ajudem a consolidar competências artísticas, estimulando o desenvolvimento de competências na área da música e nos domínios da execução e criação artística.

3.2 - Objetivos

Desenvolver e aplicar novos métodos e técnicas de intervenção na área de ensino é essencialmente o objetivo principal do estágio profissional. Com o contacto com a realidade pedagógica da sala de aula, estruturação desse mesmo contacto e da identidade profissional, a integração na vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, consegue-se um desenvolvendo nas competências profissionais para promover nos futuros docentes um desempenho autónomo, crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.

O Estágio Profissional visa, sobretudo, que o futuro docente possa conhecer e



caracterizar a escola/instituição bem como conhecer as tarefas e funções específicas que irá desempenhar.

As práticas de ensino são uma oportunidade privilegiada que os formandos têm de aprender a ensinar. Assim, durante as práticas de ensino os professores em formação entendem a escola como um organismo em desenvolvimento, dotado de uma cultura organizacional, uma estrutura de funcionamento e de funções de gestão necessárias à sua correta existência. A realização de tais práticas proporciona o conhecimento acerca da planificação e do entendimento dos problemas de ensino como problemas curriculares.

Também importante é o trabalho de investigação que lhe é adjacente e que resulta de uma sistemática pesquisa e leitura.

Enquanto o relatório de estágio é designado como a exposição do que foi realizado, a prática de ensino supervisionado aparece como um confronto de estratégia, conceitos e competências relativamente ao que vamos encontrar na sala de aula.

3.3 - Estratégia planeadas

A estrutura e respetiva implementação das planificações permitiram uma organização que ganhou uma outra dinâmica da sala de aula. Foram então adaptados conteúdos práticos (como por exemplo o solfejo e o estudo em grupo), utilizando as tecnologias para que os alunos trabalhem na sala de forma mais apelativa.

A resolução de problemas de aprendizagem e cooperação foi pensada com estruturas de trabalho em pequenos e grandes grupos.

As várias atividades traçadas foram bem-recebidas pelos alunos, decorreram dentro do previsto, de forma tranquila e organizada, com a participação, dedicação e interesse, dos alunos, professores e restante comunidade escolar, contando com o meu apoio, sempre que solicitado.



3.4 - Caracterização das turmas lecionadas

A intervenção pedagógica foi realizada no CRAMC e os alunos participantes deste projeto, foram os alunos da turma do 3º Grau no regime articulado. A turma é constituída por 28 alunos, com idades compreendidas entre os 12 e 13 anos, sendo a disciplina lecionada por dois professores (Valter Estevens e Rui Machado), em dois turnos (14 em cada turno), tendo aulas ao mesmo tempo em salas diferentes. Esta prática é recorrente neste estabelecimento para as turmas do ensino articulado, tornando-se uma mais-valia, porque divide turmas de quase 30 alunos em 2 turnos, melhorando os resultados obtidos nas turmas. Neste projeto de intervenção, isto foi muito importante porque permitiu fazer a comparação entre um turno, onde foi aplicada a intervenção pedagógica, e outro turno onde não foi.

Para a aplicação do projeto na sala de aula foi necessário, em primeiro lugar, elaborar a planificação das aulas, de forma a enquadrar os conteúdos abordados no jogo e, em seguida o momento da sua execução durante a aula. Neste sentido foi importante estruturar individualmente cada aula.

Através de reuniões e aulas assistidas com o Orientador pedagógico e com o Orientador científico, foi possível expor e demonstrar a ideia e sua aplicação do projeto na sala de aula.

3.5 - Aulas dadas e assistidas

No decorrer das aulas observadas pelos orientadores considero terem existido pontos positivos como também de melhoria das práticas pedagógicas. Nas aulas em que existiu mais conteúdo expositivo e, por isso, menos prático, penso que os alunos entenderam as matérias, apesar do tempo necessário para consciencializar alguns conceitos. Como as aulas, onde foi desenvolvido o projeto de intervenção tinham um teor mais prático penso, que o trabalho foi essencialmente positivo, já que as questões de exposição de matéria existiram num curto espaço de tempo e, por isso, todo o foco de aula virou-se para as questões de uso de software e para o jogo dentro da sala de aula.

As aulas assistidas contribuíram para diversos entendimentos sobre a relação a estabelecer com os alunos:



- Na gestão necessária em aula, partilha e proximidade intelectual.
- Na diferenciação pedagógica, no sentido de atingir resultados transversalmente equilibrados a partir de um acompanhamento em pequenos grupos ou mesmo individualmente.
- Na planificação das aulas no controlo do tempo despendido nas tarefas, e também na sucessão de conteúdos e práticas na aula.
- Na disciplina, com foco na progressividade dos conteúdos abordados ao longo das aulas no sentido do ponto anterior, de preparação dos materiais da aula, porém alargado à escala do ano letivo, estabelecendo uma progressividade de práticas e conteúdos capaz de acompanhar a aprendizagem dos alunos.

3.6 - Planificações

Foi utilizado um modelo base para as planificações, estruturando-as em 4 partes:

1) **Conceito**

- a) Apresentação do projeto
- b) Definir conceitos

2) **Metodologia**

- a) Planificação
- b) Estruturação

3) **Implementação**

- a) Explicação na aula
- b) Utilização na aula
- c) Utilização em casa

4) **Avaliação**

- a) Análise dos resultados
- b) Questionário aos alunos



Conforme a divisão, o cronograma (ver imagem 2) foi utilizado da seguinte forma: contextualização do grupo de trabalho, referência à unidade didática onde se insere a aula, descrição dos conteúdos (declarativa e processualmente), identificação dos objetivos de aprendizagem (referenciando a praticabilidade das competências desenvolvidas), identificação dos recursos didáticos, definição das estratégias de ensino (sequenciando as atividades, as tarefas de aprendizagem e os tempos previstos para cada uma), avaliação (auto e heteroavaliações), e ainda a sequência pós-aula (definindo as necessidades de estudo em casa).

Contudo, estas planificações (ver anexo1) foram moldadas em conformidade com os ajustes necessários à otimização das mesmas.

3.7 - Elaboração de materiais pedagógicos

Os materiais pedagógicos foram elaborados para as aulas dadas tomando em consideração as planificações acima referidas. Os materiais, que constam nos anexos das 4 planificações (ver anexos 1), foram pensados para a turma em questão, objetivando desenvolver questões técnicas e expressivas dos alunos que integraram as aulas dadas, com enfoque ao nível das competências auditivas, sensoriais e visuais, aos níveis da coordenação, memória e condução frásica e rítmica, e ainda aos níveis da aculturação e interpretação musical pela construção e desconstrução do conteúdo. Assim, ao iniciar a elaboração do material didático de uma determinada aula, é importante considerar os princípios pedagógicos. No entanto, percebe-se que este é um trabalho árduo e que exige um constante repensar, uma vez que é mediante o exercício da prática pedagógica que as professoras e professores vão experienciando o uso desses materiais e analisando a necessidade ou não de sua reconfiguração.

3.8 - Integração no grupo profissional

As aulas foram divididas entre mim e o professor Rui Machado, também professor de Formação Musical e de Classe de conjunto na mesma instituição, e também Mestrando na UCP, com quem tenho vindo a desenvolver um trabalho muito próximo



nos últimos 6 anos. Previamente à implementação do projeto aconteceu uma planificação que foi pensada em conjunto, bem como a organização do currículo e materiais pedagógicos necessários ao bom funcionamento das aulas. O contacto deu-se de uma forma reflexiva, já que ambos colocamos em causa cada ideia e cada decisão pedagógica, na tentativa de melhorar as convenções e, por isso, as práticas das aulas e a preparação das mesmas. Foi também um contacto participativo, não só no debate e decisão de ideias como também presencialmente nas aulas, pois realizamos aulas dos 2 professores em conjunto (Classe de conjunto) e individuais (Formação Musical), de forma a obtermos diferentes pontos de vista no espaço e tempo de aprendizagem dos alunos. Esta postura de trabalho é um produto do debate e reflexão que tem acontecido ao longo dos últimos anos.

3.9 - Reflexão sobre os resultados obtidos

De forma geral, considero cumpridos os objetivos a que me propus, uma vez que os alunos conseguiram atingir as metas propostas e evoluíram gradualmente.

A implementação deste jogo e softwares permitiu uma competição em grupo e uma abordagem social de ajuda entre colegas que por vezes, se perde nas turmas onde por vezes os alunos se tornam individualistas. Este aspeto considerei muito importante porque facilitou a colaboração dos alunos a ultrapassar as dificuldades de alunos com mais dificuldades.

Os resultados das aulas do 3º período são, no fundo, os produtos finais do trabalho realizado no 2º período, já que a 1ª parte do ano foi dedicada às questões teóricas, de análise e treino auditivo.



4 - Descrição do projeto de intervenção

Pretendeu-se perceber, através da utilização dos softwares *EarMaster* e *Musescore* nas disciplinas de Formação Musical e Classe de Conjunto Coral, se os alunos resolveram com maior ou menor facilidade as suas dificuldades sentidas e identificadas de audição, de leitura, de entoação, de interpretação e de análise e composição, entre outras, saindo assim do contexto tradicional, proporcionando aos alunos novos sons, texturas e acima de tudo novas abordagens.

Pensando no sentido de facultar uma nova ferramenta de trabalho que se conecte com as novas tendências e com os alunos, o professor passa a ter maior facilidade no acesso e manuseamento deste software que providencia momentos de interatividade entre o professor, os alunos e as tecnologias, tornando o software um instrumento didático e, ao mesmo tempo, utilizado como um jogo de exercícios.

Do ponto de vista do aluno, o jogo tem como objetivo ajudar na concentração durante a aula, na assimilação dos conceitos abordados na mesma e na aprendizagem do trabalho em equipa, desenvolvendo de forma implícita, competências diversas. Os jogos possibilitam aos alunos novas aprendizagens e o desenvolvimento e enriquecimento da sua personalidade (Veiga & Casteleins, 2006). Neste sentido, o jogo inserido no contexto educativo não serve apenas para entretenimento, mas sobretudo para que o aluno se torne criativo, saiba respeitar regras e relacionar-se com o mundo envolvente.

CATÓLICA PORTO



5 - Avaliação

Considero que foram alcançadas todas as metas e objetivos a que me propus, respeitando os tempos das várias fases de trabalho. Foi importante manter uma análise constante das fragilidades e desafios com que me fui deparando, procurando soluções viáveis em conjunto com os restantes docentes para a sua superação.

A apresentação, em contexto de sala de aula, das novas tecnologias ligadas à disciplina de Formação Musical teve um impacto positivo, já que incentivou os alunos a serem mais autónomos e a interessarem-se mais pelos conteúdos das várias disciplinas e não só pelas peças entregues pelo professor de instrumento.

Com isto penso que houve um interesse generalizado no “procurar mais” em vários campos da música e não apenas no que lhe é apresentado num contexto de sala de aula.

Criei uma relação interdisciplinar entre a disciplina de Formação Musical, a Classe de conjunto e Orquestra Juvenil, a qual foi frutífera, já que a componente instrumental esteve sempre presente nas aulas que lecionei e, por isso, se tornou uma mais-valia para a relação que os alunos criaram entre composições escritas e consultadas no software *Musescore*.

Houve ainda um esforço, em coordenação com o professor Rui Machado, de trabalhar um repertório de Classe de conjunto com novos arranjos associado ao trabalho que desenvolve a Orquestra Juvenil, que penso ter acontecido da melhor forma, e que culminou com um concerto no Teatro das Figuras em Faro com a participação de quase 250 alunos simultaneamente em palco.

Considero, por isso, que o esforço do meu trabalho ao longo do período teve resultados positivos na aprendizagem dos alunos, principalmente com a noção final com que os alunos ficaram sobre a importância de trabalho de grupo e novas formas de atingir um objetivo utilizando as tecnologias que têm ao seu alcance no dia-a-dia.

Também o recurso a diferentes materiais didáticos, com os quais me familiarizei, tornou mais enriquecedores os momentos de aprendizagem, aliados à partilha de conhecimento constante com os demais profissionais da área.



5.1 - Coavaliação da prática docente pelos colegas

A coavaliação feita pelo professor Rui Machado, de Formação Musical e Classe de Conjunto, e pelo professor Nuno Rodrigues, de Análise e Técnicas de Composição e Formação Musical, que por sua vez foi também o orientador pedagógico e surge aqui exposto como meio de controlo e avaliação do trabalho realizado.

Nuno Rodrigues: “De todos os pontos, considerados na sua totalidade como positivos, destaca-se a capacidade do professor de conseguir manter sempre um bom ritmo de aula, mantendo o nível de interesse e motivação nas várias tarefas propostas e concluídas pelos alunos no tempo programado.

No todo, não se pode falar de pontos negativos ou menos positivos, dado o balanço muito positivo.

Entendidas as práticas como bem conseguidas no seu planeamento e execução, a questão está em manter o bom nível e apenas procurar distribuir na medida do possível o tempo necessário consoante as prioridades do momento. “

Rui Machado: “Ao longo deste tempo foi possível trabalharmos muito próximos de uma forma colaborativa, naquilo que posso afirmar ser um verdadeiro trabalho articulado. Juntos fizemos a reestruturação do currículo e programa da disciplina de Formação Musical. Elaboramos vários projetos no âmbito da articulação entre várias disciplinas, nomeadamente o projeto de coro com orquestra, o projeto de ‘Banda de Rock’ com Orquestra, O concurso interno de Ritmos. Este ano com a implementação do projeto de intervenção sobre as novas tecnologias aplicadas ao ensino da Formação Musical, construímos assim uma ponte para o projeto Integral da Orquestra sinfónica, coro do Conservatório Regional do Algarve com banda de rock numa ação conjunta que reuniu cerca de 250 alunos no palco do Teatro das Figuras em Faro no passado dia 27 de Junho.

Este processo foi deveras importante, visto que pela primeira vez fez com que os alunos tivessem acesso aos temas através do software *Musescore*, podendo ouvir individualmente e em conjunto cada uma das partes, acedendo em qualquer plataforma digital.“



6 - Reflexão sobre a aprendizagem durante a prática profissional

Ao longo deste trabalho também procurei perceber como é que através da auto e heteroavaliação e do diário de bordo podia melhorar a minha prática pedagógica. Assim sendo, considereirei que os alunos também tinham algo a dizer em relação a estas questões.

Embora a Prática pedagógica tenha resultado num elemento de motivação e interesse na sala de aula pela sua novidade, só mais tarde se conseguiu perceber o verdadeiro resultado, levando os alunos a procurarem outras formas e caminhos de aprofundarem os estudos na música de uma forma mais autónoma.

Enquanto docentes e educadores o nosso trabalho é orientado para os alunos com a pretensão que obtenham sucesso, pelo que uma parte importante foi a de receber o seu feedback. Durante os últimos anos a educação tem passado por algumas modificações curriculares, onde se valoriza a participação dos alunos na construção do conhecimento e o professor como elemento orientador dentro da sala de aula. Assim, a reflexão tornou-se fundamental na educação, tanto para a escola como para os professores. É necessário que a própria escola se torne reflexiva pois, deste modo conseguirá escolher o melhor caminho a seguir.

Ao longo deste ano houve uma evolução na minha prática como docente a todos os níveis. Perante isto, posso dizer que a implementação do meu projeto de intervenção foi uma mais-valia para mim e para os alunos, pois consegui evoluir e melhorar a minha prática como docente tendo tomado como linha orientadora as atividades relacionadas com os softwares e de forma interdisciplinar, de forma a tornar as aulas mais apelativas, mas também a poder demonstrar outras formas de desenvolver a música.



Parte II – Relatório do projeto de intervenção
pedagógica

CATÓLICA PORTO



1 - Resumo:

Este projeto de investigação teve como objetivo principal observar e analisar o impacto do uso das novas tecnologias e do jogo na sala de aula como forma de desenvolvimento e consolidação de conhecimentos na disciplina de Formação Musical, tentando perceber se este tipo de hardware e software informáticos poderão ser uma mais-valia para o estudo da disciplina da Formação Musical e se trará melhores resultados para o aluno aquando da sua utilização.

O estudo foi aplicado a uma turma de Formação Musical do 3º grau, Classe de Formação Musical e Classe de Conjunto do ensino vocacional de música do Conservatório Regional do Algarve Maria Campina.



Palavras-Chave:

Formação Musical; Classe de Conjunto, Novas tecnologias ; Jogo na educação;
Ensino da Música

CATÓLICA PORTO



2 - abstract:

This research project had as main goal to observe and analyze the impact of the use of ludic activities (games) and new technologies in the classroom as a form of improving knowledge in the subject of Music Education, trying to understand if these types of computer hardware and software can be important and a better resource to the study of the Music Training subject and will bring better results for the students.

The study was applied to a group of Musical Education of the 3rd degree; Class of Musical Formation and Class of Vocal Music of the Algarve Regional Conservatory Maria Campina.



Key words:

Musical Education; Class of Set, New technologies; Play in education; Music Teaching

CATÓLICA PORTO



3- Introdução

Desde a sua introdução na educação as tecnologias da informação e comunicação (TIC) provocaram uma verdadeira revolução na conceção do ensino e da aprendizagem. Uma vez que o computador, *tablet* ou *smartphone* podem ser usados para ensinar. Estes podem ser muito úteis, no processo de ensino e aprendizagem, pois permitem a utilização de programas educacionais e de diferentes modalidades de uso que, num primeiro momento, podem ser caracterizados como uma simples versão computadorizada dos atuais métodos de ensino. Assim sendo, devido aos novos recursos tecnológicos hoje utilizados na Educação em Portugal, também a aula de Formação Musical foi mudando em relação às estratégias utilizadas para alguns exercícios como também mudaram os materiais utilizados na própria sala de aula. Como nos diz Fátima Pedroso, as aulas de Formação Musical são tradicionalmente caracterizadas por alguns exercícios como ditados de ritmo, ditados de melodia, entoações, leituras de ritmo, leituras de melodia, leituras de solfejo, conceitos de Teoria Musical, entre outros. Todas estas atividades eram até há bem pouco tempo atrás, realizadas com um único instrumento, o piano. Daí que a maior parte destes trabalhos realizados numa aula de Formação Musical ainda sejam através deste instrumento (Pedroso, 2003).

Com as Novas Tecnologias passamos a dispor de outro tipo de recursos para os mesmos exercícios, que pode contribuir para melhorar o sucesso do aluno em sala de aula. O computador, cd, Mp3, a aparelhagem de som, a internet, software de notação musical e de estudo da Formação Musical, entre outros, vieram mudar as aulas de Formação Musical, fornecendo ao aluno e ao professor, estratégias para trabalhar um conteúdo, um acesso mais rápido e facilitado a materiais que possam ser utilizados em sala de aula, materiais esses que num passado não muito distante seriam complicados de obter. Como refere Teresa Macedo, o próprio campo da eletrónica e da eletroacústica poderá constituir um poderoso contributo para a aula de Formação Musical, visto que, é necessário a introdução de novos instrumentos e de novas fontes sonoras em sala de aula que possam fornecer diversos timbres, intensidades e alturas, permitindo desta forma, uma textura musical diferente, da que um único piano pode oferecer (Macedo, 1986).



4 - Estado da arte

Como foi referido anteriormente, uma das problemáticas observadas sobre a disciplina é o facto de os alunos “acusarem” a Formação Musical de ser “sempre a mesma coisa”. Este problema poderá não ser propriamente característica da Formação Musical, mas sim do professor que não investiga, do professor que se limita a fazer aquilo que lhe transmitiram e que eventualmente não mantém hábitos de reflexão. Para estes professores, o confronto com obstáculos nos contextos reais (como, por exemplo, dificuldades específicas dos alunos, desmotivação e/ou falta de empenho por parte dos mesmos, necessidade de adaptação das planificações...) pode constituir um problema inultrapassável sem a ajuda de terceiros. Mas outros confrontos, mais relativos aos contextos escolares em geral podem surgir.

Assim, inclui-se na reflexão a Didática. Esta é uma disciplina que estuda todo o processo de ensino, que pretende criar condições para que todos os alunos tenham uma aprendizagem significativa. A Didática poderá contribuir para que o professor procure orientações para as tarefas do ensino e da aprendizagem transmitindo, neste sentido, mais segurança naquilo que faz:

“(…) A didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino no qual os objetivos, os conteúdos, os métodos e as formas de organização da aula se combinam entre si, de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela ajuda o professor na direção e orientação das tarefas do ensino e da aprendizagem, fornecendo-lhe mais segurança profissional.” (Libâneo, 2002: pág.8)

É competência do professor fazer uma planificação, selecionando e organizando os conteúdos, atividades e tarefas, criando assim condições de aprendizagem para os alunos, ou seja:

“O professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem. Não há ensino verdadeiro se os alunos não desenvolvem suas capacidades e habilidades mentais, se não assimilam pessoal e ativamente os conhecimentos ou se não dão conta de aplicá-los, seja nos exercícios e verificações feitos em classe, seja na prática da vida (...).” (Libâneo, 2002: pág.6)



Não poderíamos deixar de referir que o ensino passa como um processo de aprendizagem e de partilha de conhecimentos entre professores e alunos e, ainda, entre os próprios alunos, sendo este último, um fator muito importante no crescimento como pessoa e aluno. Como refere Libâneo, esta perspetiva do ensino tem como objetivo o desenvolvimento das capacidades intelectuais, da subjetividade do aluno através da assimilação consciente e ativa dos conteúdos da disciplina, através de métodos e estratégias criados segundo a prática pedagógica do docente, em que este deve ajudar os alunos à realização deste desenvolvimento, estabelecendo relações entre conhecimentos. Só assim os alunos conseguirão colocar em prática os conhecimentos adquiridos, usando estes como instrumentos mentais. Esta abordagem parece ser possível na Formação Musical. Quando lecionamos esta disciplina, devemos perceber que é necessário formar musicalmente o aluno, utilizando deste modo uma didática adequada aos dias de hoje e adequada ao aluno ou à turma em questão (Libâneo, 2002).

“O currículo das escolas do ensino especializado da Música e os seus programas estão desatualizados sendo, nalguns casos, considerados obsoletos. De facto, pelo menos alguns dos programas existentes e em vigor são de 1930 estando obviamente inadequados à realidade sob muitos (todos?) pontos de vista (e.g., pedagógico, didático, artístico, formação musical).” (Fernandes, 2007, pág. 47)

Pelo facto dos programas poderem estar ou não desatualizados em algumas escolas do nosso país, o professor deve ser capaz de adaptar as suas práticas aos dias de hoje, tornando-se capaz de criar as bases musicais ao nível da análise, da reflexão, da criatividade e da crítica, enriquecendo a sua base e formação auditiva.

Para isso, a disciplina não se pode preocupar exclusivamente com a leitura musical mas também com a compreensão e interpretação com sentido crítico no que se ouve e no que se produz, vivenciando a música de forma mais profunda (Pedroso, 2003).

Domingos Fernandes, no seu Estudo de avaliação do Ensino Artístico refere-nos que, depois de investigar, foi possível verificar que há uma disfunção a nível curricular podendo deteriorar-se gravemente a qualidade da formação do aluno de música, havendo casos em que não existe articulação entre disciplinas, impossibilitando o aluno de tocar reportório com uma devida exigência na disciplina de Classe de Conjunto. Concluída a sua formação na disciplina de Instrumento a par da disciplina



de Formação Musical e Classe de Conjunto, repara-se que alguns conteúdos presentes nos programas da disciplina de Formação Musical estão mais acomodados numa abordagem à alfabetização musical tornando mais distante a abordagem à cultura musical (Fernandes, 2007).

Para o ensino e aprendizagem da música é essencial que o aluno aprenda a escrita musical que facilite tocar as obras compostas ao longo da História para o seu instrumento. Contudo, discute-se o estudo intensivo sobre notação para os alunos de qualquer idade. Contudo Emile Dalcroze defendeu que a criança tem a necessidade de ouvir e experimentar diversos ritmos e sons, antes de uma aprendizagem da notação. Esta deve emergir como consequência da iniciação musical e não como uma condição obrigatória. Neste sentido também Edgar Willems, nos diz que “A iniciação solfegística e instrumental são precedidas de um trabalho pré-solfegístico e pré-instrumental baseado na audição e no sentido rítmico, sem teoria” (Cit in Sousa, 1999, pág. 12-13).

Para uma criança, no início da atividade musical, parecem haver aspetos mais urgentes, como a vivência musical, do que o domínio da notação. Ao longo do seu percurso musical, a criança poderá adquirir aquilo que precisa para uma boa leitura ou análise de partitura. Parece mais importante que inicialmente a criança crie a sua música, imite outras músicas com o instrumento ou com a voz, em suma, que a criança torne a música um experiência mais significativa, antes de trabalhar conteúdos teóricos.

Em relação ao que os alunos referem sobre a disciplina, causa alguma preocupação perceber que alguns consideram a disciplina apenas um complemento dos seus estudos, retirando valor à Formação Musical. Nesta disciplina está a base de toda a aprendizagem musical e não parece possível, no ensino especializado da música, uma educação integral que não visa perceber a teoria musical, sem realizar leitura e escrita musical, sem uma formação do ouvido e do solfejo. Todos estes contribuem para esta disciplina e para uma aprendizagem global.

Em relação aos professores é preocupante também observar ainda, em alguns casos, alguma falta de reflexão sobre a própria prática docente, sobre o valor da disciplina que lecionam e sobre uma forma de estar no ensino que pouco ou nada tem inovado ao longo dos anos. Determinadas características, como a lecionação a turmas numerosas podem contribuir para alguma desmotivação, mas, mais do que tudo, parecem constituir desafios para a reflexão, a investigação e para uma ação educativa



personalizada.

“A formação deve estimular uma perspetiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional.” (Nóvoa, 1997, pág.25)

Acredita-se também que uma prática educativa que se pretende atualizada não pode reduzir-se à cópia integral das aulas que estes professores tiveram enquanto alunos, mesmo que tenham surtido bons resultados nesses contextos. O professor não se pode limitar a fazer o mesmo em todas as aulas, a usar sempre as mesmas metodologias de ensino, independentemente das idades e das características dos alunos. A informação é recebida de forma diferente por uns e outros. Portanto, é preciso inovar neste sentido. Pretende-se, pois, que uma pedagogia incentive o aluno a compreender para que este consiga ter um sentido crítico sobre os temas abordados. Segundo Pedroso, as aulas de Formação Musical incidem basicamente sempre nas mesmas abordagens e/ou atividades como os ditados, as leituras, as entoações e todos os conceitos que englobam a teoria musical, acabando muitas vezes por recorrer a exercícios que ao nível do conteúdo musical pouco têm a oferecer (Pedroso, 2003).

O Professor de Formação Musical tem um papel muito importante em mudar a realidade atual, não devendo exercer um tipo de ensino tradicional. O método mais tradicional é aquele em que o Professor se limita a “despejar” a matéria em aulas sempre iguais e onde esse processo se estende por todos os conteúdos a lecionar na disciplina, independentemente da turma, dos alunos e das idades, tornando o ensino da disciplina ainda mais complicado e massudo. Após os conteúdos estarem todos lecionados, realizam-se exercícios dos manuais, quando disponíveis; seguidamente os alunos são colocados à prova através de um teste escrito e auditivo.

Como tal, num ensino que promove a reflexão, o espírito crítico, verdadeiras vivências musicais e aprendizagens significativas, o que é recebido pelos alunos torna-se duradouro, aprendendo estes a lidar com os conhecimentos de uma forma mais independente. Deve-se, então, estimular a criatividade na sala de aula, permitindo ao aluno pensar, desenvolver ideias e pontos de vista, deixá-lo fazer



escolhas, fazer com que o aluno valorize a criatividade, que olhe para o erro como uma etapa do processo de aprendizagem e que preveja oportunidades, a fim de ter consciência do seu potencial criativo (Nóvoa, 2009).

A utilização do computador como meio educacional acontece juntamente com um conjunto de questões relativas à função da escola e do papel do professor, onde estas novas tecnologias não podem de nenhuma forma substituir a presença e passagem de ensinamentos do professor.

O papel dos professores é essencial na apresentação das ideias, na construção de relações de trabalho e na criação de ambientes efetivos de aprendizagem. Com o passar do tempo, tornou-se cada vez menos interessante dar uma aula com pau de giz branco sobre um quadro negro, tendo em conta a informação passada através da televisão, vídeo, rádio, jogos de computador, etc. (Silva A. J., 1993).

Neste sentido, houve uma grande necessidade, por parte da sociedade tecnológica e da grande comunicação de massas, de uma nova escola ou de uma que se adapta à nova sociedade em que se inseria.

As novas tecnologias obrigaram e obrigam a rever grande parte do que foi a educação durante a era industrial e a compreender, com clareza, a necessidade de uma nova pedagogia baseada na interatividade, na personalização e no desenvolvimento da capacidade autónoma para aprender e para pensar antes de se refletir nas mudanças tecnológicas, na reestruturação das escolas ou mesmo na formação dos professores (Costa, Peralta, & Viseu, 2007).

Em 1993, Silva A. J. na Revista da Escola Superior de Educação de Beja, fala do ano 2000 como o futuro e afirma que “no ano 2000 os professores poderão ter de ensinar coisas diferentes das que ensinam agora. A rápida transformação do mundo de hoje e a rápida evolução do conhecimento científico tornam este cenário muito previsível” (Silva A. J. 1993).

Atualmente, o acesso a fontes de informação e de conhecimento nunca foi tão fácil. Isto exige uma pedagogia mais flexível, integradora e experimental, perante todas as novas situações que daí incorrem. É necessário aprender a desenvolver novas e diferentes propostas pedagógicas para momentos de aprendizagem diferentes. É preciso apostar e investir mais na formação profissional para aplicar as tecnologias na sala de aula, onde o professor precisa de dominar as novas tecnologias de forma a enquadrá-las no ensino que tem como difícil tarefa educar uma geração digital.



Experimentar, avaliar e experimentar novamente é a chave para a inovação e a mudança. Os professores que compreendam e ponham em prática estas inovações, irão colher mais rapidamente os resultados em valorização e realização profissional, emocional e económica.

A formação contínua é uma exigência para os tempos atuais. O aperfeiçoamento e a procura por novos conhecimentos, são métodos que irão contribuir no trabalho do docente, trazendo resultados positivos na qualidade do ensino. (Ribeiro, Ribeiro, & Junior, 2012).

Neste sentido é necessário facultar formação a todos os professores, para que se utilizem da melhor forma as tecnologias no contexto da sala de aula, promovendo ao aluno oportunidades, para desenvolver a sua ação criadora.

Para que o jogo seja inserido nas aulas, o currículo escolar deveria ser redimensionado, e deveriam ser criados espaços de tempo para os jogos, para que estes sejam respeitados e assumidos como uma possibilidade metodológica ao processo ensino - aprendizagem.

Nesse contexto, o professor deve explorar vários fatores de cariz metodológico e devem fazer parte do seu plano de ação. Os jogos, no contexto escolar são desta forma, uma das muitas estratégias a adotar pelo professor.

O Jogo é uma atividade intuitivamente associada às crianças. Assim se justifica a importância do Jogo no desenvolvimento mental, tanto de crianças, como de adultos. Ao longo dos tempos, tem havido um esforço por parte de todos, inclusivamente dos professores, para a compreensão da importância do Jogo, tanto no adulto, como na criança e no desenvolvimento humano.

O jogo, enquanto atividade, poderá ser uma estratégia importante se estiver associada ao ensino dos conteúdos curriculares. Neste sentido, procuramos definir os motivos pelos quais o jogo poderá ser útil ao processo ensino aprendizagem e de uma forma mais alargada, no ambiente escolar. Com isso, procura-se justificá-lo no contexto metodológico, apontando os vários aspetos que envolvem a sua prática em situações de ensino, tais como o desenvolvimento da criatividade, do raciocínio, a valorização da competição produtiva e o prazer obtido na aprendizagem.

Se a escola tem objetivos a atingir e o aluno a tarefa de adquirir conhecimentos, qualquer atividade por ele realizada na escola visa sempre um resultado, é uma ação dirigida e orientada para a busca de finalidades pedagógicas. O uso de um jogo na



sala de aula transforma-se num meio para a realização daqueles objetivos (Kishimoto, 1994).

Neste sentido, o jogo, enquanto atividade livre, desencadeada pelos alunos e utilizada pelo professor como estratégia, não contraria o papel da escola. Continua a ser jogo, tem tudo o que essa atividade representa e passa a ser um importante suporte metodológico para o ensino. Segundo Kishimoto,

“Qualquer jogo usado pela escola, desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta o caráter educativo e pode receber também a denominação de jogo educativo.” (Kishimoto, 1994, p.22)

A partir da formação continuada, o professor poderá então preparar-se para utilizar uma ferramenta que se mostra cada vez mais eficiente no processo educativo, o jogo, que como recurso pedagógico traz novas possibilidades à prática educativa. Além de possibilitar o desenvolvimento de diferentes habilidades, também proporciona ao professor uma forma de dinamizar o seu trabalho e despertar no aluno o prazer de aprender (Ribeiro, Ribeiro, & Junior, 2012).

CATÓLICA PORTO



5 - Metodologia

Com base nas observações, o ponto de partida, surge da ideia da criação de um jogo, que procure, acima de tudo, a assimilação dos conceitos abordados na aula e que, ao mesmo tempo, desenvolva competências transversais diversas.

Na educação, o jogo tem como principal objetivo estimular o desenvolvimento integral da criança, ser um facilitador na aprendizagem e possibilitar a relação interpessoal entre as crianças. Desta forma, a criança desenvolve a consciência corporal, aprende a conhecer-se e aos outros e estabelece relações entre os sujeitos e os papéis que assumem.

O jogo tem um papel fundamental no desenvolvimento do aluno, uma vez que ele aprende de modo intuitivo, adquirindo noções espontâneas, que envolvem o ser humano por inteiro em todos os aspetos, cognitivo, afetivo, corporal e nas interações sociais. A utilização do jogo na sala de aula relacionado com música, potencia a exploração e construção do conhecimento, mostrando por vezes que se pode ir mais além do que é standardizado no modelo da Formação Musical. No entanto, é importante que o professor planifique muito bem as suas aulas utilizando jogos bem estruturados, proporcionando o crescimento integral do aluno partindo da ideia que todos os jogos servem para exercitar, desafiar, promover o convívio, ensinar e divertir (Kishimoto, 1997).

Em primeiro lugar, e antes de realçar os pontos importantes de pesquisa e trabalho deste projeto de intervenção, é indispensável contextualizar a turma alvo, de forma a entender quais foram as dificuldades de intervenção e, com isso, entender as possibilidades de adaptação que foram necessárias ao longo do projeto.

A intervenção pedagógica foi realizada no CRAMC os alunos participantes deste projeto foram os alunos da turma do 3º Grau no regime articulado.

Para a aplicação do projeto na sala de aula foi necessário, efetuar a planificação das aulas, de forma a enquadrar os conteúdos abordados no jogo e o momento da sua aplicação durante a aula. Neste sentido foi importante estruturar individualmente cada aula.

Através de reuniões com o Orientador pedagógico e com o Orientador científico, foi possível expor a ideia da aplicação do projeto na sala de aula.

A metodologia de estudo usada passou pela aplicação de várias estratégias:



- análise de conteúdo do programa (as competências, os objetivos, os conteúdos e os exercícios efetuados nos softwares);
- análise das estatísticas de frequência e de uso (apropriação) pela turma;
- análise da avaliação obtida pelos alunos nos exercícios dos programas e nas provas escritas/orais de Formação Musical;
- cruzamento de dados entre o registo de frequência de exercícios mais utilizados e as dificuldades mais registadas pela turma, bem como aos registos de avaliação na prova escrita.

Pretendeu-se perceber, através da utilização dos softwares *EarMaster* e *Musescore*, se os alunos resolveram com maior ou menor facilidade as suas dificuldades sentidas e identificadas de audição, de leitura, de entoação, de interpretação e de análise e composição, entre outras, saindo assim do contexto tradicional, proporcionando aos alunos novos sons, texturas e acima de tudo novas abordagens utilizando, além dos softwares mencionados, o computador portátil e ficheiros áudio com temas de música de câmara, orquestras e instrumentos solo.

Pensando num sentido de facultar uma nova ferramenta de trabalho que se conecta com as novas tendências e com os alunos, o professor que utilize estas novas tecnologias, passa a ter fácil acesso e manuseamento com este software que providencia momentos de interatividade entre o professor, os alunos e as tecnologias, tornando o software um instrumento didático e, ao mesmo tempo, utilizado como um jogo de exercícios.

Do ponto de vista do aluno, o jogo tem como objetivo ajudar na concentração durante a aula, na assimilação dos conceitos abordados na mesma e aprender a trabalhar em equipa, desenvolvendo de forma implícita, competências diversas. Neste sentido, o jogo inserido no contexto educativo na sala de aula não serve apenas para entretenimento, mas também para que o aluno se torne criativo, que saiba respeitar regras e relacionar-se com o mundo envolvente.

De forma a alcançar os objetivos propostos foi necessário criar um conjunto de tarefas importantes para realizar, de forma a conseguir concretizar todos os objetivos propostos. Neste sentido, foi desenvolvida uma lista, de acordo com os objetivos do jogo, que ajudou na concretização deste projeto:

- definir que tipo de ferramenta se pretende criar;



- criar uma ferramenta de apoio ao professor;
- inserir exercícios através de desafios, escolhidos e/ou elaborados pelo professor, de acordo com o programa das disciplinas relacionadas com música;
- possibilitar os exercícios em grupo e/ou individualmente que reflitam os conceitos abordados na aula;
- atribuir pontuações aos desafios realizados corretamente;
- definir os meios de respostas;
- possibilitar a reflexão, quando o desafio não é feito da forma correta;
- providenciar novas oportunidades de vencer/ganhar o jogo;
- proporcionar ao professor momentos de avaliação.



CATÓLICA PORTO



6 - Características da turma e espaço de intervenção numa análise SWOT:

A análise da organização juntamente com a identificação dos pontos fortes e fracos nesta área e das ameaças e oportunidades externas com elas relacionadas, permite sugerir algumas orientações estratégicas. Em primeiro lugar, a definição de objetivos estratégicos nestes domínios deve focalizar-se no aumento das capacidades de prontidão de ação e de flexibilidade do Sistema, enquanto geradoras da eficácia no cumprimento do seu objetivo.

Com base na informação recolhida da turma em questão, em termos de análise interna, optei por traçar o quadro do Agrupamento seguindo os parâmetros SWOT, de modo a identificar os principais pontos fortes (Strengths), pontos fracos (Weaknesses), no que diz respeito às principais oportunidades (Opportunities) e ameaças (Threats).

Os resultados da análise SWOT estão resumidos nos quadros a seguir:

- Forças: turma interessada na aprendizagem, dedicada em aula e com vontade de apresentar projetos novos; aumento do espírito de entreajuda transversal à turma;
- Fraquezas: uma percentagem pequena dos alunos tem bastantes dificuldades na assimilação dos conteúdos pela falta de empenho e estudo;
- Oportunidades: possibilidade de aplicação do software *Musescore* às outras disciplinas como Instrumento e Classe de conjunto de forma a ultrapassar algumas dificuldades ou possibilitando a audição e ensaio de músicas de conjunto de 2 ou mais vozes, aliciando os alunos a um trabalho com mais dedicação;
- Ameaças: se os alunos não forem incentivados a continuarem a utilizar os softwares, estes poderão cair em esquecimento;

Em segundo lugar, e depois de compreender o campo de ação, é relevante também conhecer o tempo de ação do projeto e, por isso é discriminado em seguida o cronograma do projeto de intervenção (ver imagem 2).

7 - Cronograma

Como podemos verificar neste cronograma, o projeto de intervenção passou por 4 fases:

		Janeiro					Fevereiro				Março				Abril				Maio			Junho					
Fase	Atividade/Semanas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	
Conceito	Apresentação do projeto	█																									
	Definir objectivos		█																								
Metodologia	Planificação		█	█																							
	Estruturação			█	█																						
Implementação	Explicação na aula					█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█									
	Utilização na aula					█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
	Utilização em casa																			█	█						
Avaliação	Análise dos resultados																						█	█	█	█	█
	Questionários aos alunos																						█	█	█	█	█

Imagem 1: Cronograma das 4 fases de intervenção.

Primeira fase – Conceito (início de Janeiro): nesta fase apresentou-se o projeto e definiu-se objetivos. Aqui pretendi avaliar a predisposição para a criação musical, bem como a importância atribuída a diferentes aspetos da música e também de outras artes. Os resultados da conversa na aula de apresentação do projeto possibilitaram adaptações na intervenção com os alunos, de acordo com os seus hábitos e predisposição para o trabalho.

Segunda fase – Metodologia (meados de Janeiro): esta fase aconteceu durante a segunda metade do mês de Janeiro. Aqui realizei a planificação e estruturação das aulas.

Terceira fase - Implementação (Fevereiro até Maio): embora tenha sido a maior fase do projeto, este espaço temporal foi de extrema importância porque efetuaram-se



explicações na sala de aula sobre os novos meios abordados, assim como a sua utilização na sala de aula como em casa;

Quarta fase – Avaliação (Maio até Junho): neste curto espaço de tempo, além dos testes de avaliação, irá ser o espaço temporal para analisar os resultados e efetuar questionários aos alunos, de forma a perceber o impacto do projeto de intervenção na sala de aula.



CATÓLICA PORTO

8 - EarMaster

Software educativo com mais de 2000 exercícios de solfejo, treino auditivo e exercícios rítmicos para todos os níveis. Possui um curso geral para todos os estilos musicais, incluindo o Jazz.

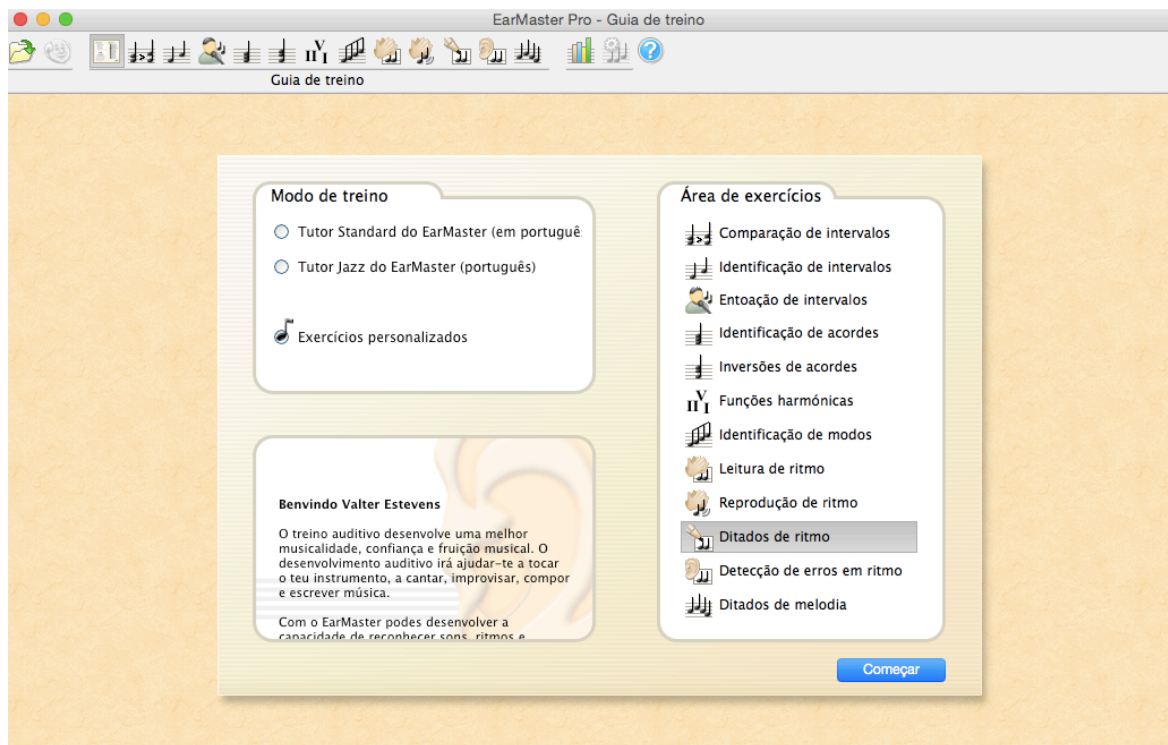


Imagem 2: Menu inicial do programa EarMaster.

Este software permite identificar auditivamente, transcrever melodias, escalas, acordes, intervalos, progressões de acordes e ritmos e leituras à primeira vista, através de exercício pré-definidos ou personalizados. Também permite responder a perguntas de escolha múltipla.

O *EarMaster* permite a resposta em tempo real, através da utilização de microfone para cantar, bater palmas ou de um teclado MIDI¹ e apresenta uma estatística detalhada de forma a avaliar o processo de aprendizagem. Este software é um dos mais usados por escolas de música em todo o mundo.

¹ Midi – Musical Instrument Digital Interface, é um protocolo digital que faz a comunicação em tempo real entre vários instrumentos e/ou dispositivos.

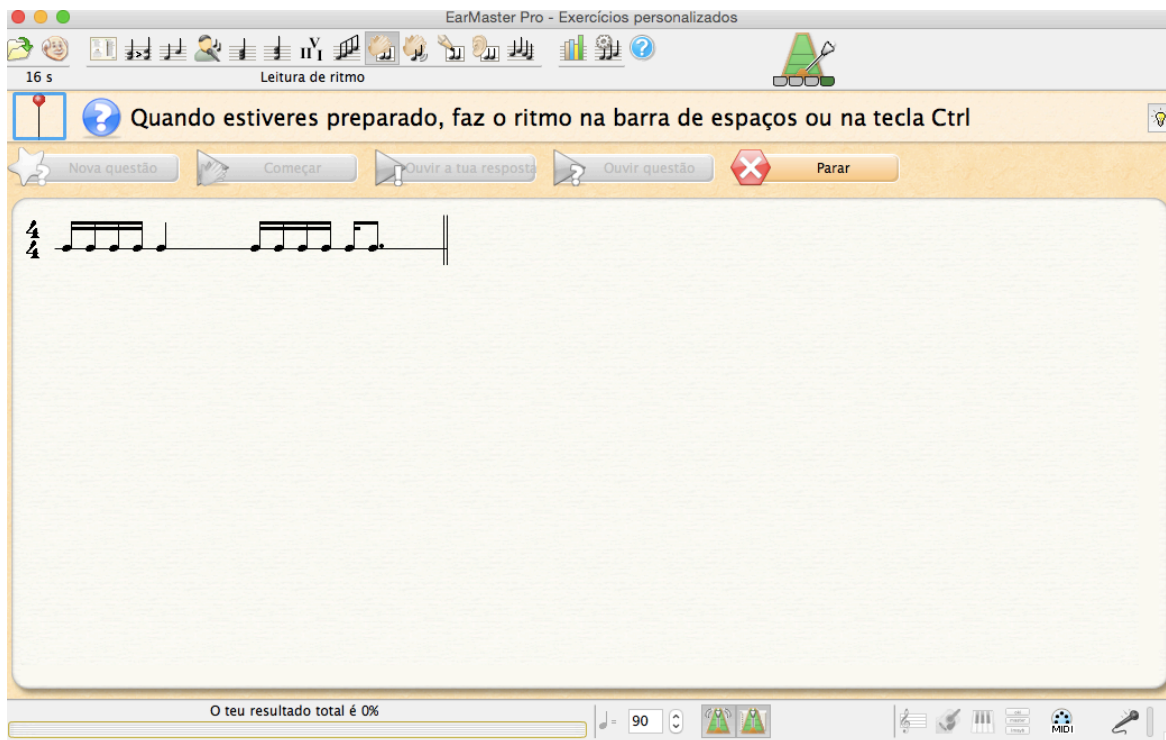


Imagem 3: EarMaster na vertente do Jogo rítmico.

CATÓLICA PORTO

9 – MuseScore

O *MuseScore* é um editor de partituras para Linux, Windows e Mac. Trata-se de um editor WYSIWYG² completo com suporte a reprodução de partitura e importação/exportação de arquivos MusicXML³ e MIDI. A Notação para percussão e a tablatura para instrumentos de cordas são também suportadas, assim como a impressão direta. O programa tem uma interface de usuário claro, com inserção fácil de notas semelhante aos editores de partituras comerciais mais populares como o *Finale* e o *Sibelius*.

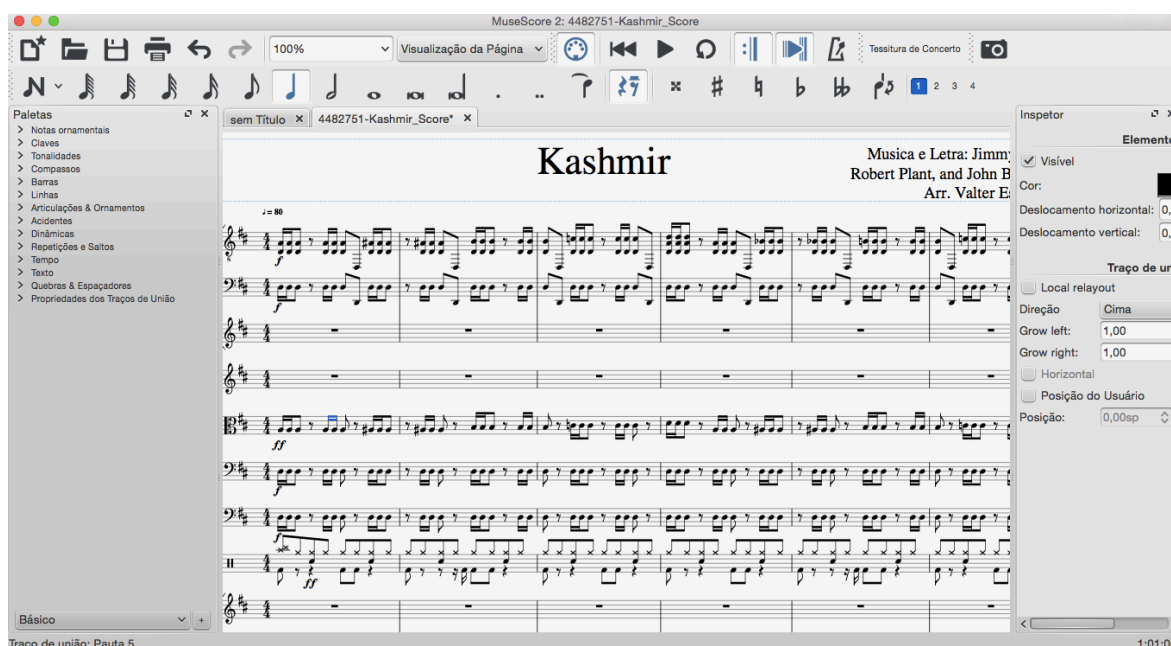


Imagem 4: Ficheiro aberto em MuseScore.

O *MuseScore* é um software livre e é capaz de importar e exportar arquivos de diferentes formatos, inclusive MIDI e MusicXML.

Pode também exportar arquivos nos formatos de impressão (PDF, PNG), e de audição (WAV, FLAC e MP3).

Uma das características que diferenciam o *Musescore* dos restantes softwares de edição de partituras é a possibilidade de compartilhá-las online, num site do próprio programa, que se assemelha a uma espécie de rede social de partituras, onde se

² WYSIWYG (What You See Is What You Get) - Capacidade dum programa de computador de permitir que um documento, enquanto manipulado na tela, tenha a mesma aparência na sua utilização.

³ MusicXML - Formato de arquivo de notação musical aberto. A sua finalidade é o intercâmbio de diferentes formatos digitais de partituras, entre diferentes programas de edição de partituras.



mostrou aos alunos peças e arranjos de vários temas de qualquer tipo musical ao alcance de um clique.

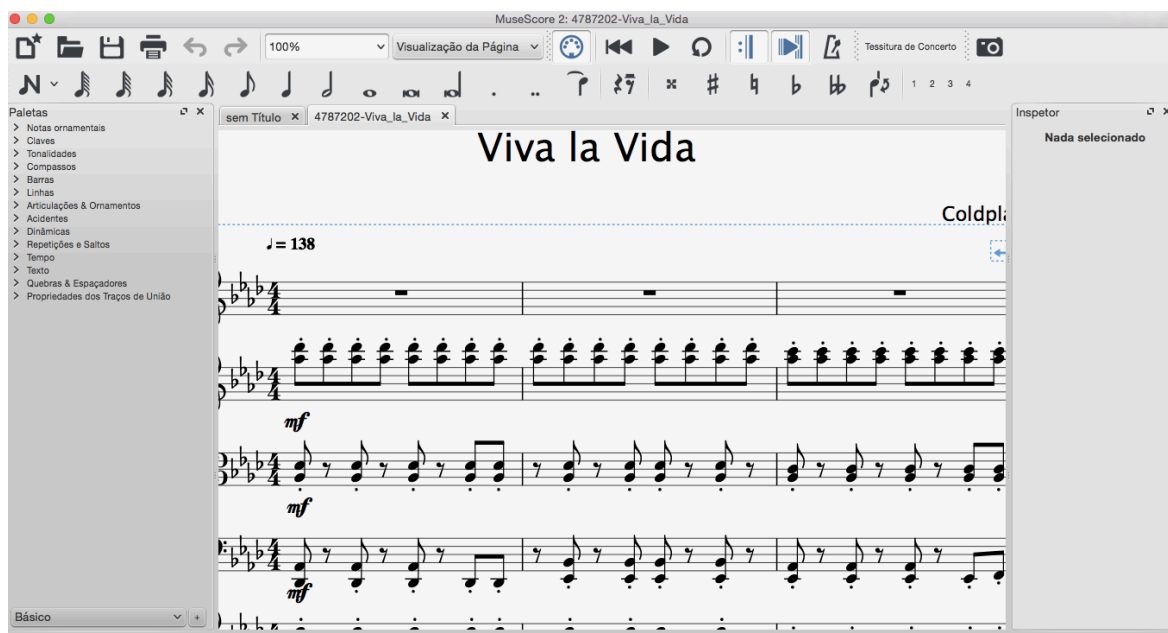


Imagem 5: Ficheiro aberto em MuseScore.

CATÓLICA PORTO



10 - Aplicação dos Softwares

Através da utilização dos softwares *EarMaster* e *Musescore*, pretende-se perceber se os alunos resolvem com maior ou menor facilidade as suas dificuldades sentidas e identificadas de audição, de leitura, de entoação, de interpretação e de análise e composição, entre outras, saindo assim do contexto tradicional, proporcionando aos alunos novos sons, texturas e acima de tudo novas abordagens.

A intervenção, em termos de prática da disciplina, passou pela escrita/composição e leitura no programa *Musescore*, em aula e fora dela, de exercícios e repertório propostos para a classe de conjunto e/ou instrumento, assim como pequenas leituras e passagens rítmicas e solfejos com dificuldade acrescida para a disciplina de formação musical, para que os alunos consigam entender e praticar algumas passagens de solfejo e peças de instrumento e conjunto (instrumental e coral) e poderem trocar os ficheiros entre eles. A utilização deste software teve como base 2 partes de trabalho:

- 1ª parte – abrir ficheiros previamente construídos, tocar e fazer pequenas alterações.
- 2ª parte – construir de base um ficheiro novo utilizando as células rítmicas disponíveis.

Com a aplicação do outro programa já atrás mencionado, *EarMaster*, criaram-se grupos de trabalho na sala de aula para poderem aprender jogando aos exercícios expostos pelo programa. Cada grupo tinha que ouvir os ditados rítmicos, melódicos e de intervalos para depois em grupo tentarem discutir as opiniões e obter o melhor resultado possível através de pontos que eram somados conforme as respostas certas.

Ditado de ritmo: O jogo começava com a exposição no quadro das figuras que fariam parte do jogo, começando com figuras simples para cada grupo se ambientar ao ditado.

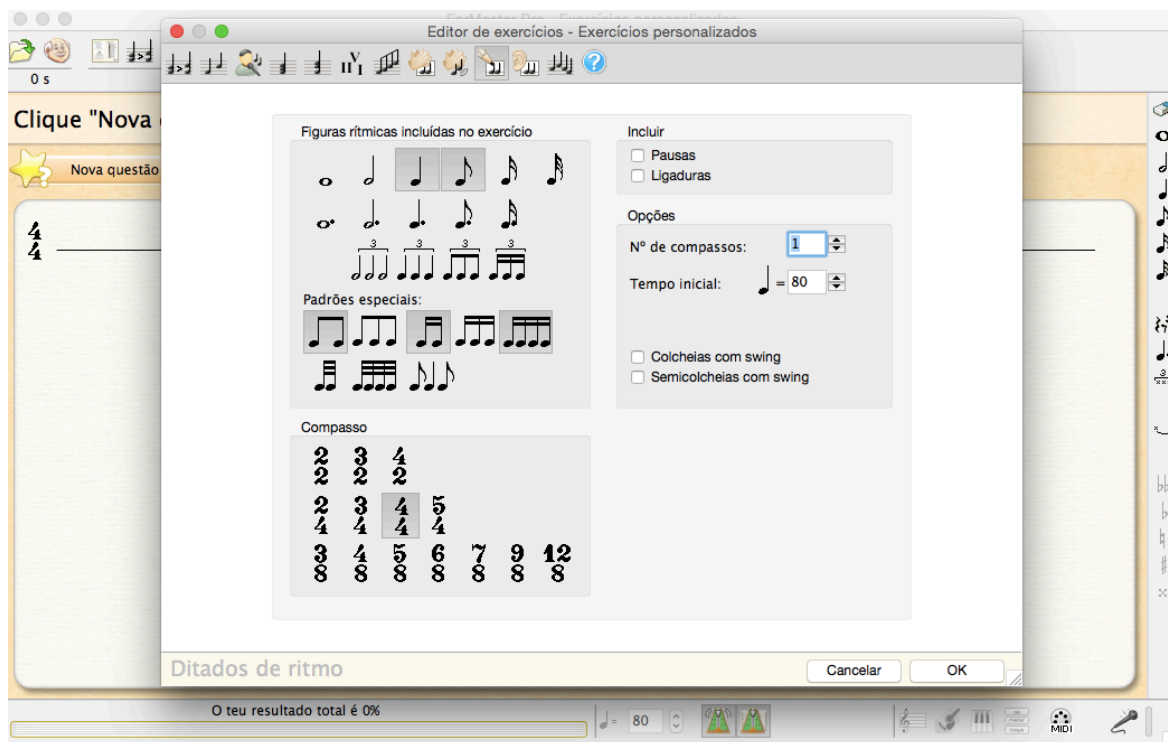


Imagem 6: Menu de escolha de células rítmicas para o jogo rítmico no programa EarMaster.

A seguir ao 2º ditado, as figuras eram apagadas e o grau de dificuldade ia crescendo até a um final de 10 ditados. A avaliação dos pontos era dada a cada tempo certo, conseguindo um ponto extra se o grupo acertasse no compasso inteiro.

Identificação de Intervalos: Depois da escolha do exercício é aberta uma página com uma pauta, um piano e um quadro em que aparece as opções possíveis de resposta. O software musical transmite dois sons relativos aos intervalos e os alunos têm que escolher qual o intervalo, conforme as opções de intervalos escritas no quadro. É sempre dada a primeira nota ao aluno e o instrumento escolhido (piano, violino, flauta) variava sempre de 2 em 2 intervalos.

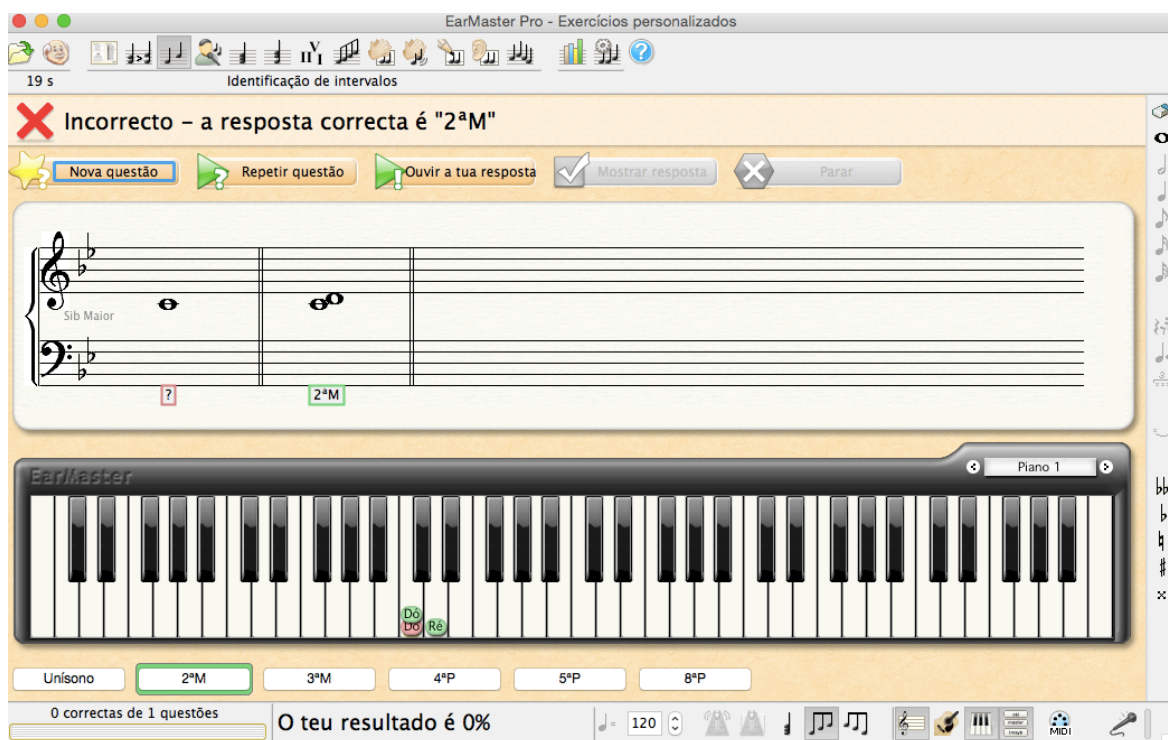


Imagem 7: Jogo de deteção de intervalos harmónicos e melódicos.

Este jogo permitiu uma competição em grupo e uma abordagem social de ajuda entre colegas que, por vezes, se perde nas turmas onde os alunos se tornam individualistas. Considerei este aspeto surpreendente visto que era uma competência por vezes difícil de pôr em prática. Através dos trabalhos em grupo, conseguiu-se melhorar a qualidade da interação entre os membros das equipas, proporcionando relações de trocas de experiências e de conhecimento.



Imagem 8: 2º turno do 3º Grau dividido em grupos de trabalho.

CATÓLICA PORTO



11 - Apresentação E discussão dos resultados

No campo dos conteúdos temáticos, os alunos identificaram corretamente os conteúdos abordados na aula. Este campo de trabalho foi importante para me ajudar a perceber se os recursos e as estratégias utilizadas foram ou não adequados. Isto porque os alunos podem dizer que apreciaram, ou não, os recursos e que compreenderam os conteúdos abordados, apenas por dizerem. Todavia, só consigo identificar se os alunos adquiriram ou não conhecimentos através do projeto de intervenção implementado, do que escreveram no questionário em formato Google Forms (anexo 7), mediante do diário de bordo e através dos resultados dos testes de avaliação.

Os resultados das aulas do 3º período são, no fundo, os produtos finais do trabalho realizado no segundo período, já que a primeira parte do ano foi dedicada às questões teóricas, de análise e treino auditivo, sem a aplicação do projeto de intervenção.

Os resultados obtidos (Imagens 10 e 11) foram analisados com a utilização de uma comparação entre os dois grupos (Imagem 12), revelando que entre os dois grupos, o grupo de controlo regista valores inferiores ao grupo alvo.

Foi com muito prazer e determinação que este trabalho final de mestrado foi elaborado. A sua realização levou, igualmente, à reflexão sobre novas perspetivas quanto ao uso das tecnologias no ensino da música. Por fim, estes estudos foram um grande contributo teórico-prático no sentido de reformulação de estratégias de ensino para melhorar e enriquecer a prática pedagógica futura.

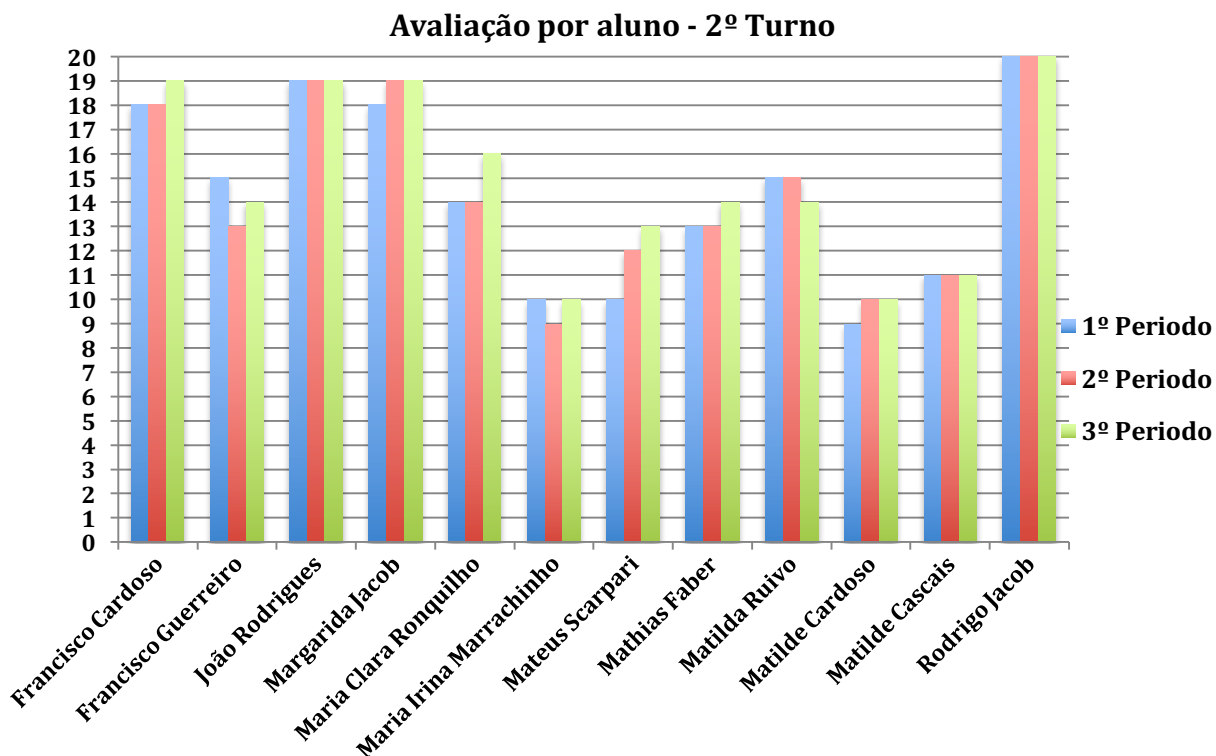


Imagem 9: Avaliação do 2º turno durante os 3 períodos

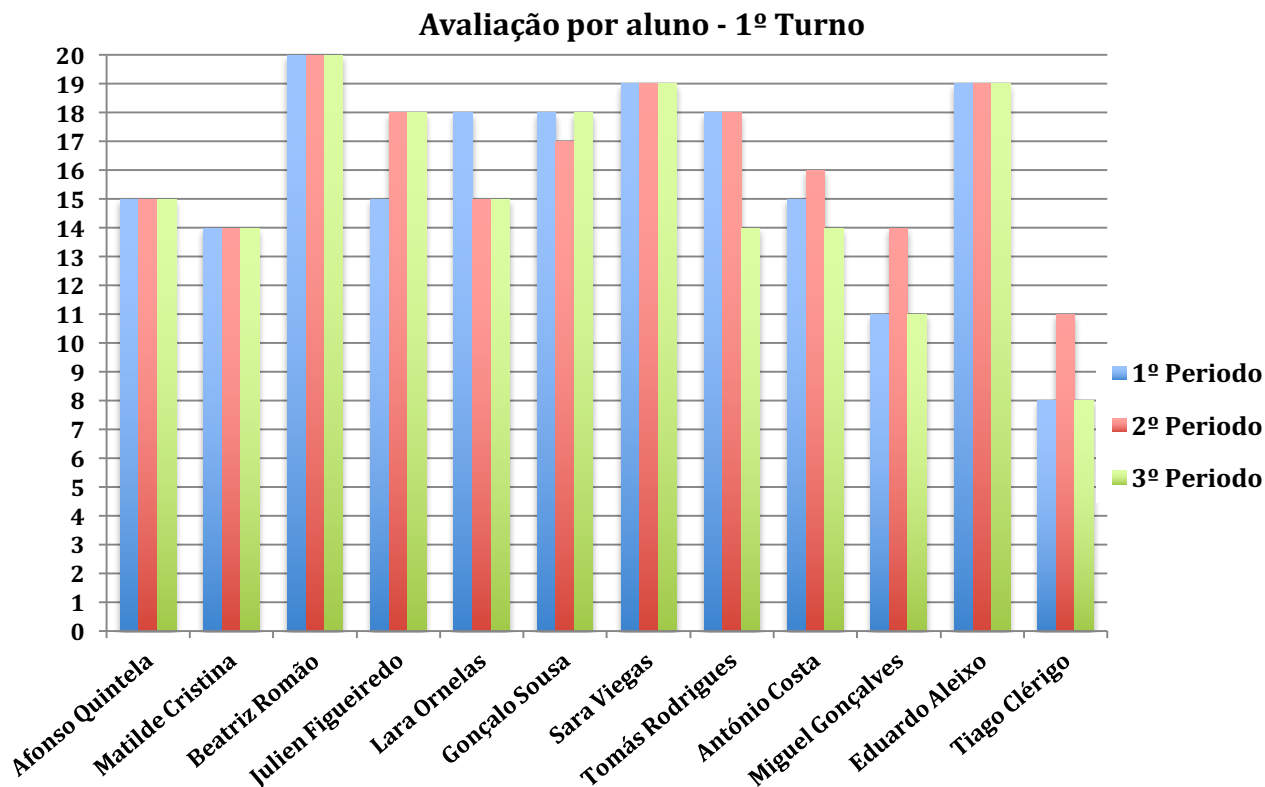
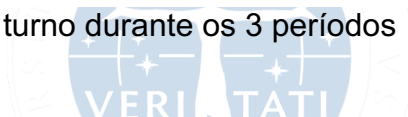


Imagem 10: Avaliação do 1º turno durante os 3 períodos



Comparação de Médias

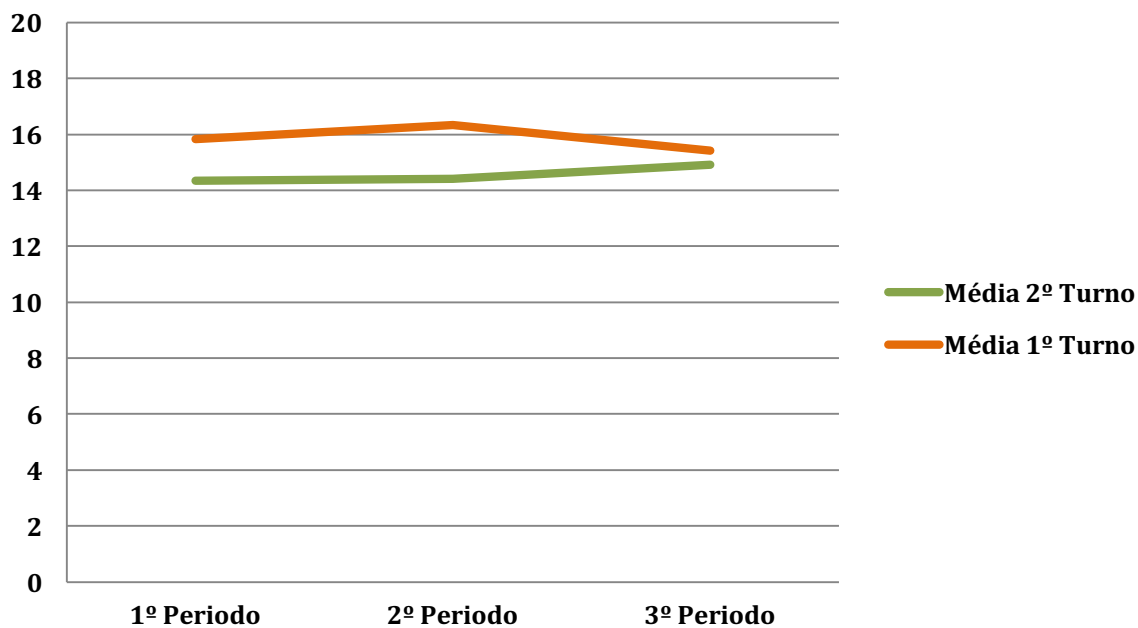


Imagem 11: Médias dos 2 turnos

CATÓLICA PORTO



12 - Conclusões

“Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.” (Bogdan&Biklen, 1994, p. 49 Cit. Gouvea 2006).

A realização desta experiência de investigação constituiu um profundo exercício de reflexão teórica a partir de uma experiência prática na sala de aula.

O objetivo deste trabalho, desenvolvido no 2º ano de Mestrado em Ensino de Música, no ramo de Formação Musical e classe de conjunto, foi de refletir sobre todo o percurso realizado, não só durante o ano letivo anterior, mas sim de todo o percurso académico. Tudo aquilo que observei, debati discuti e implementei, fez parte de todo este momento de reflexão presente neste documento.

Depois das aulas lecionadas e observadas concluiu que todo o trabalho realizado durante o ano letivo transato fez parte de um caminho duro, utilizando estratégias menos usuais em que umas deram resultado e outras não, para chegar à conclusão que o amanhã é diferente do hoje e o professor, mais que ninguém deve ser capaz de perceber que a prática pedagógica não é uma linha com um principio e um fim mas sim, um percurso que tem de ser feito composto por diferentes obstáculos que são as diferenças dos nossos alunos e das nossas instituições de ensino.

Ao analisar os resultados obtidos, podemos observar que houve uma melhoria na avaliação. Embora, inicialmente, não ficasse muito claro se a implementação do projeto ou se devido a uma mudança de estratégias, onde o tipo de aulas tradicional foi alterado para aulas mais dinâmicas tirando partido das novas tecnologias, tivesse um peso importante na evolução dos alunos, posso concluir no final que a abertura para explorar novos caminhos ficou alterada positivamente dentro da turma, levando a outro tipo de postura e maior interesse perante a disciplina de Formação Musical.

No entanto notou-se uma mudança significativa na relação entre os alunos, uma vez que estes se mostraram mais predispostos à entreaajuda entre eles e motivados para trabalharem em grupo, facto que não se observava antes.

Novos desafios surgem constantemente a todos aqueles que atuam e se dedicam à educação. Atravessamos um momento de mudança que atingem toda a sociedade, devido ao desenvolvimento cada vez mais acelerado das novas tecnologias, à facilidade e rapidez de acesso à informação e ao avanço do conhecimento científico. Porém, a escola, sendo uma instituição social destinada à educação, não consegue



manter os professores atualizados e resolver os inúmeros problemas, como evasão escolar, dificuldade de aprendizagem, falta de disciplina e pouca motivação dos professores e alunos. O ser humano deve então estar preparado para enfrentar essas transformações, principalmente no campo da educação, que será mais, conseqüentemente, mais exigente e complexa.

As tecnologias inseridas no contexto educativo, não devem ter como sua principal função de substituto de um professor de ensinar, mas sim a de criar condições de aprendizagem para os alunos.

Considero que a introdução das TIC na sala de aula não seja o ponto central para o funcionamento da aula, mas mais um elemento que veio dar uma nova dimensão ao funcionamento da mesma.

Depois do projeto de intervenção tanto os alunos como eu ficamos mais próximos musicalmente, levando-os a procurar a minha ajuda em vários aspetos do ensino da música que não apenas as questões da disciplina de Formação Musical. Ao utilizar as TIC na sala de aula de Formação Musical e Classe de Conjunto, nomeadamente com o software *Musescore*, observei que a utilização dos alunos desse mesmo software se tinha expandindo para as outras disciplinas, podendo trocar as peças e arranjos, assim como os temas e partes da Orquestra Juvenil formando uma associação entre as diferentes disciplinas.

A interdisciplinaridade veio complementar as disciplinas, criando no conceito de conhecimento uma visão de totalidade, onde os alunos perceberam que o mundo onde estão inseridos é composto de vários fatores, e que a soma de todos forma uma complexidade.

Desta forma, o professor deve assumir o papel de criar ambientes de aprendizagem e facilitar o processo de desenvolvimento intelectual do aluno, uma vez que os atuais estudantes já não são os mesmos para os quais o sistema de ensino foi pensado há umas décadas atrás. Os alunos cresceram num novo ambiente tecnológico, com uma cultura própria, e irão viver as suas vidas num contexto mais exigente, competitivo e complexo.

Um dos campos mais férteis para o uso da tecnologia é o da educação, embora, é fácil perceber que ainda assim, existe um grande atraso na implantação e apropriação destas metodologias e ferramentas pelas escolas e universidades.

A sua realização levou, igualmente, à reflexão sobre novas perspetivas quanto ao uso das tecnologias no ensino da música e ao uso do trabalho individual e em grupo.



Por fim, estes estudos foram um grande contributo teórico-prático no sentido de reformulação de estratégias de ensino para melhorar e enriquecer a prática pedagógica futura.

De forma geral, considero cumpridos os objetivos propostos e a que me propus, uma vez que os alunos conseguiram atingir as metas propostas e evoluíram gradualmente.

Conforme acreditam Fritsch, Flores, Miletto, Vicari, Pimenta, uma maior divulgação dos fundamentos e das ferramentas computacionais disponíveis para músicos e professores de música pode auxiliar a expandir os seus conhecimentos, vencer os seus receios e preconceitos, tornando-os pessoas interessadas em partilhar experiências sobre a aplicação de tecnologia à música . (Fritsch, Flores, Miletto, Vicari, Pimenta, 2003, pág. 141).



CATÓLICA PORTO



“Nossas práticas necessitarão mais do que três minutos para serem dominadas. Além disso, tudo o que você pensa sente e vê ao seu redor lutará contra elas. Por isso será necessária dedicação, um pouco de fé e, é claro, praticar para colocá-las em seu repertório.”

(Zander, 2001, A arte da possibilidade)



CATÓLICA PORTO



Bibliografia

- Arends, R. I. (2012). *Learning to teach*, 9ª Edição. New York: McGraw-Hill Publishing
- Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Carneiro, H. F. G (2014). *A Integração de Recursos Tecnológicos na Disciplina de Formação Musical: Uma Nova Abordagem às Atividades de Transcrição e de Leitura Melódica*. Dissertação de Mestrado, Escola de Artes - Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal.
- Costa, F. A., Peralta, H., & Viseu, S. (2007). *As TIC na Educação em Portugal - Conceções e Práticas*. Porto: Porto Editora, Lda.
- Fernandes, D. (coord.), Ramos Do Ó, J., Ferreira, (2007), *Estudo de Avaliação do Ensino Artístico*. Relatório Final Revisto. Fevereiro de 2007.
- Fritsch, E. F.; Flores, L. V.; Miletto, E.M.; Vicari, R. M; Pimenta, M. S. (2003). *Software musical e sugestões de aplicação em aulas de música*. In: Hentchke, L.; Del Bem, L. *Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5501/1/Relato%CC%81rioEnsinoArti%CC%81stico.pdf>.
- Gouvea Guaracira, (2006); *Pesquisas em Educação*; Editora 7Letras [https://books.google.pt/books?id=ToNOHKpJfscC&dq=Os+investigadores+qualitativos+interessamse+mais+pelo+processo+do+que+simplesmente+pelos+resultados+ou+produtos.%E2%80%9D+\(Bogdan+%26+Biklen,+1994,+p.+49\).&hl=pt-PT&source=gbs_navlinks_s](https://books.google.pt/books?id=ToNOHKpJfscC&dq=Os+investigadores+qualitativos+interessamse+mais+pelo+processo+do+que+simplesmente+pelos+resultados+ou+produtos.%E2%80%9D+(Bogdan+%26+Biklen,+1994,+p.+49).&hl=pt-PT&source=gbs_navlinks_s).



- Jucá, S. C. (15 de Agosto de 2006). *A relevância dos softwares educativos na educação profissional*. Ciências & Cognição, 08, 22-28.
- Kishimoto, T. (1994). *O Jogo e a Educação Infantil*, S. Paulo: Thomson Pioneira.
- Kishimoto, T. (1997). *Jogos, Brinquedos e Brincadeiras na Educação*. São Paulo: Editora Cortez.
- Kruger, S. E. (Março de 2006). *Educação musical apoiada pela novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC): pesquisas, práticas e formação de docentes*. Revista da ABEM no 14, pp. 75 - 89.
- Libâneo, J. C. (1994). *Didática*. Editora Cortez.
- Libâneo, J. C. (2002). *Didática: Velhos e novos temas*. Edição do Autor.
- Macedo, Maria Teresa (1986). *Educação Musical. A Formação Musical nas escolas profissionais de música*, Revista da Associação Portuguesa de Educação Musical, Boletim no 49, Abril/ Junho (pp.8-12).
- Nóvoa, A. (2009). *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. Revista de Educação, 350, 203-217.
- Nóvoa. A. (1992). *Os professores e a sua formação. Formação de Professores e Profissão Docente*. Porto Editora. Pág. 13-33.
- Pedroso, F. (2003). *A disciplina de Formação Musical: Contributos para uma reflexão sobre o seu papel no currículo do Ensino Especializado da Música (Básico e Secundário)*. Dissertação de Mestrado, Ciências da Educação - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.



- Portaria n.º 243-B/2012 - Diário da República n.º 156/2012, 1º Suplemento, Série I de 2012-08-13
- Projeto Educativo da Academia de Música Tavira.
- Projeto Educativo do CRAMC - Conservatório Regional do Algarve - Maria Campina.
- Ribeiro, A. R., Ribeiro, B. A., & Junior, C. M. (2012). *Capacitação continuada: O Jogo como recurso pedagógico importante no processo ensino aprendizagem*. Congresso Internacional de Educação do Brasil.
- Rodrigues, H. (1997). *Música para os pequeninos. Elementos da perspectiva de Edwin Gordon*. Revista da Associação Portuguesa de Educação Musical, Boletim nº95, Outubro/ Dezembro (pp.16-18).
- Rolo, R., & Bidarra, J. (2011). *Aplicações multimédia e jogos para música: potencial e limitações em Educação Musical*. Congresso Challenges 2011 (pp. 36-40). Braga, Portugal: Universidade Aberta, Portugal.
- Silva, A. J. (1993). *A formação de professores em novas tecnologias. LER educação* - Revista da Escola Superior de Educação de Beja, pp. 71-80.
- Skinner, R. (1989). *Music Software*. Notes, 46(1), 104-113. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/940765>.
- Sousa, M. R (1999). *Metodologias do Ensino da Música para Crianças*. Edições Gailivro, Ida.
- Valente, J. A. (2000). *Diferentes Usos do Computador na Educação*.



CATÓLICA

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO
Escola das Artes

- Veiga, L. d., & Casteleins, V. L. (2006). *A contribuição do jogo para o desenvolvimento motor da criança de educação infantil*. pág. 665-672.
- Zander, B. & Zander, R. (2001). *A arte da possibilidade. Criando novas possibilidades para transformar sua vida*. 6a Edição. Rio de Janeiro: Editora Campus.



CATÓLICA PORTO



Anexos

CATÓLICA PORTO



Anexo I: Planificação fase 1

**Mestrado em Ensino de Música,
Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa**

-.-

**Conservatório Regional do Algarve – Maria Campina
Planificação de uma aula colectiva FASE 1**

Curso: Básico – 2º ciclo

Regime: Articulado

Disciplina: Formação Musical

Turma: 3º Grau

Duração: 90 min

Data: 1ª fase

Professor: Valter Estevens

Breve contextualização da turma:

Turma constituída por 2 turnos de 12 alunos cada do 3º Grau com diferentes níveis de aproveitamento. A matéria abordada nesta aula foi trabalhado ao longo do 1º Período pelos alunos. Como sendo a primeira aula do 2º período, optou-se por fazer revisões nas leituras e na harmonização de uma escala maior para entrar na nova matéria do 2º período. Ao ser uma aula de revisões e consolidação dos conteúdos, constitui desta forma uma ponte entre a revisão e matéria nova.

Breve referência à unidade didática/módulo:

Disciplina de carácter teórico-prático, onde se processa a aprendizagem e descodificação dos elementos musicais

Conteúdos:

Declarativos

- Conhecimento das células rítmicas



- Poliritmia
- Contratempo

Processuais

- Estudo individualizado e colectivo
- Interesse e empenho na aula;
- Bom comportamento e respeito pelos outros,
- Análise crítica ao seu próprio desempenho,

Reportório

- Software “*EarMaster*”
- Software “*MuseScore*”
- “*Jogo de ritmos...Jogo de claves*”, Jean-Clément Jollet
- “*Compêndio de Teoria Musical*”, Osvaldo Lacerda

Objectivos

- Desenvolver competências artísticas e técnicas;
- Reconhecer as células rítmicas do repertório;
- Articular e pronunciar corretamente os textos;
- Distinguir corretamente as linhas melódicas e rítmicas;
- Executar poliritmia entre voz e mão e entre 2 mãos;
- Demonstrar interação com os colegas e professor;
- Leitura à primeira vista;
- Desenvolvimento da leitura melódica, rítmica e harmónica.
- Trabalho de equipa;
- Respeitar as regras da sala de aula.

Objectivos gerais:



O aluno deve conhecer e utilizar a codificação e linguagem musical para a sua execução e compreensão e desenvolver competências para a sua composição.

Objectivos Socioculturais:

A disciplina de Formação Musical também deve ter em atenção os seus muitos alunos que não pretendem ser profissionais da música, pelo que é importante a inclusão de uma componente de cultura musical, com o objectivo de dar a conhecer repertório e contribuir para a formação de públicos – isto é, de ouvintes informados/esclarecidos, fazendo o duplo papel de formação básica de futuros músicos (no sentido profissional) e formação de músicos amadores e/ou públicos.

Recursos Didáticos:

Computador com software específico e Ficheiros áudio

Livros de Teoria Musical e de solfejo, previamente indicados pelo professor

Quadro e fichas de trabalho

Estratégia geral da aula:

No início da aula serão apresentados os Softwares, os conteúdos, objetivos e critérios de avaliação e será feita uma averiguação do estudo individual em casa por parte dos alunos.

De seguida, e sendo esta uma aula de revisões, os alunos irão proceder a leituras individuais e em conjunto e a uma exposição de ditados rítmicos através dos softwares mencionados; depois, serão corrigidas as incorreções mais evidentes que surgirem e serão trabalhadas as passagens mais complicadas de cada exercício, estruturando-os. Sempre que necessário exemplificarei, utilizando todos os recursos disponíveis para os alunos ouvirem e melhor perceberem o que devem melhorar.

1. Os alunos irão ser acompanhados passo a passo na realização das atividades a realizar pelos alunos, sendo encorajados na ultrapassagem das dificuldades, dando-lhe o *feedback* imediato sobre as aprendizagens conseguidas.



Sequencia de atividades de aprendizagem

- 5 min: esclarecimento dos objetivos, conteúdos e critérios de avaliação da aula;
- 15 min: fazer uma breve apresentação dos Softwares “*EarMaster*” e “*MuseScore*” e sua utilidade na sala de aula;
- 5 min: organização dos exercícios em grupo e/ou individual;
- 30 min: exercícios utilizando os softwares acima descritos e faixas áudio;
- 10 min: identificação das dificuldades individuais e em conjunto;
- 20 min: correção dos erros/falhas mais evidentes;
- 5 min: esclarecimento das restantes dúvidas e anotação de breves indicações nos cadernos diários. Auto e heteroavaliação.

Avaliação:

A avaliação será realizada com base nas competências definidas. Serão feitas correções ao longo da aula individualmente para melhorar o seu desempenho individual e colectivo. Relativamente à auto e heteroavaliação esta será feita no final da aula.

CATÓLICA PORTO



Anexo II: Planificação fase 2

**Mestrado em Ensino de Música,
Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa**

-.-

**Conservatório Regional do Algarve – Maria Campina
Planificação de uma aula colectiva FASE 2**

Curso: Básico – 2º ciclo

Regime: Articulado

Disciplina: Formação Musical

Turma: 3º Grau

Duração: 90 min

Data: 2ª fase

Professor: Valter Estevens



Breve contextualização da turma:

Turma constituída por 2 turnos de 12 alunos cada do 3º Grau com diferentes níveis de aproveitamento. A matéria abordada nesta aula foi trabalhado ao longo do 1º Período pelos alunos. Como sendo a primeira aula do 2º período, optou-se por fazer revisões nas leituras e na harmonização de uma escala maior para entrar na nova matéria do 2º período. Ao ser uma aula de revisões e consolidação dos conteúdos, constitui desta forma uma ponte entre a revisão e matéria nova.

Breve referência à unidade didáctica/módulo:

Disciplina de carácter teórico-prático, onde se processa a aprendizagem e descodificação dos elementos musicais

Conteúdos:

Declarativos



- Conhecimento das células rítmicas
- Poliritmia
- Contratempo

Processuais

- Estudo individualizado e colectivo
- Interesse e empenho na aula;
- Bom comportamento e respeito pelos outros,
- Análise crítica ao seu próprio desempenho,

Reportório

- Software “*EarMaster*”
- Software “*MuseScore*”
- “*Jogo de ritmos...Jogo de claves*”, Jean-Clément Jollet
- “*Compêndio de Teoria Musical*”, Osvaldo Lacerda

Objectivos

- Desenvolver competências artísticas e técnicas;
- Reconhecer as células rítmicas do repertório;
- Articular e pronunciar corretamente os textos;
- Distinguir corretamente as linhas melódicas e rítmicas;
- Executar poliritmia entre voz e mão e entre 2 mãos;
- Demonstrar interação com os colegas e professor.
- Leitura à primeira vista;
- Desenvolvimento da leitura melódica, rítmica e harmónica.
- Trabalho de equipa;
- Respeitar as regras da sala de aula.



Objectivos gerais:

O aluno deve conhecer e utilizar a codificação e linguagem musical para a sua execução e compreensão e desenvolver competências para a sua composição.

Objectivos Socioculturais:

A disciplina de Formação Musical também deve ter em atenção os seus muitos alunos que não pretendem ser profissionais da música, pelo que é importante a inclusão de uma componente de cultura musical, com o objectivo de dar a conhecer repertório e contribuir para a formação de públicos – isto é, de ouvintes informados/esclarecidos, fazendo o duplo papel de formação básica de futuros músicos (no sentido profissional) e formação de músicos amadores e/ou públicos.

Recursos Didáticos:

Computador com software específico e Ficheiros áudio

Livros de Teoria Musical e de solfejo, previamente indicados pelo professor

Quadro e fichas de trabalho

CATOLICA PORTO

Estratégia geral da aula:

No início da aula serão apresentados os Softwares, os conteúdos, objetivos e critérios de avaliação e será feita uma averiguação do estudo individual em casa por parte dos alunos.

De seguida, e sendo esta uma aula de revisões, os alunos irão proceder a leituras individuais e em conjunto e a uma exposição de ditados rítmicos através dos softwares mencionados; depois, serão corrigidas as incorreções mais evidentes que surgirem e serão trabalhadas as passagens mais complicadas de cada exercício, estruturando-os. Sempre que necessário exemplificarei, utilizando todos os recursos disponíveis para os alunos ouvirem e melhor perceberem o que devem melhorar.



2. Os alunos irão ser acompanhados passo a passo na realização das atividades a realizar pelos alunos, sendo encorajados na ultrapassagem das dificuldades, dando-lhe o *feedback* imediato sobre as aprendizagens conseguidas.

Sequencia de atividades de aprendizagem

- 5 min: esclarecimento dos objetivos, conteúdos e critérios de avaliação da aula;
- 15 min: fazer uma breve apresentação dos Softwares “*EarMaster*” e “*MuseScore*” e sua utilidade na sala de aula;
- 5 min: organização dos exercícios em grupo e/ou individual;
- 30 min: exercícios utilizando os softwares acima descritos e faixas áudio;
- 10 min: identificação das dificuldades individuais e em conjunto;
- 20 min: correção dos erros/falhas mais evidentes;
- 5 min: esclarecimento das restantes dúvidas e anotação de breves indicações nos cadernos diários. Auto e heteroavaliação.

Avaliação:

A avaliação será realizada com base nas competências definidas. Serão feitas correções ao longo da aula individualmente para melhorar o seu desempenho individual e colectivo. Relativamente à auto e heteroavaliação esta será feita no final da aula.

CATÓLICA PORTO



Anexo III: Planificação fase 3

**Mestrado em Ensino de Música,
Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa**

-.-

**Conservatório Regional do Algarve – Maria Campina
Planificação de uma aula colectiva FASE 3**

Curso: Básico – 2º ciclo

Regime: Articulado

Disciplina: Formação Musical

Turma: 3º Grau

Duração: 90 min

Data: 3ª fase

Professor: Valter Estevens

Breve contextualização da turma:

Turma constituída por 2 turnos de 12 alunos cada do 3º Grau com diferentes níveis de aproveitamento. A matéria abordada nesta aula foi trabalhado ao longo do 1º Período pelos alunos. Como sendo a primeira aula do 2º período, optou-se por fazer revisões nas leituras e na harmonização de uma escala maior para entrar na nova matéria do 2º período. Ao ser uma aula de revisões e consolidação dos conteúdos, constitui desta forma uma ponte entre a revisão e matéria nova.

Breve referência à unidade didática/módulo:

Disciplina de carácter teórico-prático, onde se processa a aprendizagem e descodificação dos elementos musicais

Conteúdos:

Declarativos



- Conhecimento das células rítmicas
- Poliritmia
- Contratempo

Processuais

- Estudo individualizado e colectivo
- Interesse e empenho na aula;
- Bom comportamento e respeito pelos outros,
- Análise crítica ao seu próprio desempenho,

Reportório

- Software “*EarMaster*”
- Software “*MuseScore*”
- “*Jogo de ritmos...Jogo de claves*”, Jean-Clément Jollet
- “*Compêndio de Teoria Musical*”, Osvaldo Lacerda

Objectivos

- Desenvolver competências artísticas e técnicas;
- Reconhecer as células rítmicas do repertório;
- Articular e pronunciar corretamente os textos;
- Distinguir corretamente as linhas melódicas e rítmicas;
- Executar poliritmia entre voz e mão e entre 2 mãos;
- Demonstrar interação com os colegas e professor;
- Leitura à primeira vista;
- Desenvolvimento da leitura melódica, rítmica e harmónica.
- Trabalho de equipa;
- Respeitar as regras da sala de aula.



Objectivos gerais:

O aluno deve conhecer e utilizar a codificação e linguagem musical para a sua execução e compreensão e desenvolver competências para a sua composição.

Objectivos Socioculturais:

A disciplina de Formação Musical também deve ter em atenção os seus muitos alunos que não pretendem ser profissionais da música, pelo que é importante a inclusão de uma componente de cultura musical, com o objectivo de dar a conhecer repertório e contribuir para a formação de públicos – isto é, de ouvintes informados/esclarecidos, fazendo o duplo papel de formação básica de futuros músicos (no sentido profissional) e formação de músicos amadores e/ou públicos.

Recursos Didáticos:

Computador com software específico e Ficheiros áudio

Livros de Teoria Musical e de solfejo, previamente indicados pelo professor

Quadro e fichas de trabalho

CATOLICA PORTO

Estratégia geral da aula:

No início da aula serão apresentados os Softwares, os conteúdos, objetivos e critérios de avaliação e será feita uma averiguação do estudo individual em casa por parte dos alunos.

De seguida, e sendo esta uma aula de revisões, os alunos irão proceder a leituras individuais e em conjunto e a uma exposição de ditados rítmicos através dos softwares mencionados; depois, serão corrigidas as incorreções mais evidentes que surgirem e serão trabalhadas as passagens mais complicadas de cada exercício, estruturando-os. Sempre que necessário exemplificarei, utilizando todos os recursos disponíveis para os alunos ouvirem e melhor perceberem o que devem melhorar.



3. Os alunos irão ser acompanhados passo a passo na realização das atividades a realizar pelos alunos, sendo encorajados na ultrapassagem das dificuldades, dando-lhe o *feedback* imediato sobre as aprendizagens conseguidas.

Sequencia de atividades de aprendizagem

- 5 min: esclarecimento dos objetivos, conteúdos e critérios de avaliação da aula;
- 15 min: fazer uma breve apresentação dos Softwares “*EarMaster*” e “*MuseScore*” e sua utilidade na sala de aula;
- 5 min: organização dos exercícios em grupo e/ou individual;
- 30 min: exercícios utilizando os softwares acima descritos e faixas áudio;
- 10 min: identificação das dificuldades individuais e em conjunto;
- 20 min: correção dos erros/falhas mais evidentes;
- 5 min: esclarecimento das restantes dúvidas e anotação de breves indicações nos cadernos diários. Auto e heteroavaliação.

Avaliação:

A avaliação será realizada com base nas competências definidas. Serão feitas correções ao longo da aula individualmente para melhorar o seu desempenho individual e colectivo. Relativamente à auto e heteroavaliação esta será feita no final da aula.

CATÓLICA PORTO



Anexo IV: Planificação fase 4

**Mestrado em Ensino de Música,
Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa**

-.-

**Conservatório Regional do Algarve – Maria Campina
Planificação de uma aula colectiva FASE 4**

Curso: Básico – 2º ciclo

Regime: Articulado

Disciplina: Formação Musical

Turma: 3º Grau

Duração: 90 min

Data: 4ª fase

Professor: Valter Estevens

Breve contextualização da turma:

Turma constituída por 2 turnos de 12 alunos cada do 3º Grau com diferentes níveis de aproveitamento. A matéria abordada nesta aula foi trabalhado ao longo do 1º Período pelos alunos. Como sendo a primeira aula do 2º período, optou-se por fazer revisões nas leituras e na harmonização de uma escala maior para entrar na nova matéria do 2º período. Ao ser uma aula de revisões e consolidação dos conteúdos, constitui desta forma uma ponte entre a revisão e matéria nova.

Breve referência à unidade didática/módulo:

Disciplina de carácter teórico-prático, onde se processa a aprendizagem e descodificação dos elementos musicais

Conteúdos:

Declarativos



- Conhecimento das células rítmicas
- Poliritmia
- Contratempo

Processuais

- Estudo individualizado e colectivo
- Interesse e empenho na aula;
- Bom comportamento e respeito pelos outros,
- Análise crítica ao seu próprio desempenho,

Reportório

- Software “*EarMaster*”
- Software “*MuseScore*”
- “*Jogo de ritmos...Jogo de claves*”, Jean-Clément Jollet
- “*Compêndio de Teoria Musical*”, Osvaldo Lacerda

Objectivos

- Desenvolver competências artísticas e técnicas;
- Reconhecer as células rítmicas do repertório;
- Articular e pronunciar corretamente os textos;
- Distinguir corretamente as linhas melódicas e rítmicas;
- Executar poliritmia entre voz e mão e entre 2 mãos;
- Demonstrar interação com os colegas e professor.
- Leitura à primeira vista;
- Desenvolvimento da leitura melódica, rítmica e harmónica.
- Trabalho de equipa;
- Respeitar as regras da sala de aula.



Objectivos gerais:

O aluno deve conhecer e utilizar a codificação e linguagem musical para a sua execução e compreensão e desenvolver competências para a sua composição.

Objectivos Socioculturais:

A disciplina de Formação Musical também deve ter em atenção os seus muitos alunos que não pretendem ser profissionais da música, pelo que é importante a inclusão de uma componente de cultura musical, com o objectivo de dar a conhecer repertório e contribuir para a formação de públicos – isto é, de ouvintes informados/esclarecidos, fazendo o duplo papel de formação básica de futuros músicos (no sentido profissional) e formação de músicos amadores e/ou públicos.

Recursos Didáticos:

Computador com software específico e Ficheiros áudio

Livros de Teoria Musical e de solfejo, previamente indicados pelo professor

Quadro e fichas de trabalho

CATOLICA PORTO

Estratégia geral da aula:

No início da aula serão apresentados os Softwares, os conteúdos, objetivos e critérios de avaliação e será feita uma averiguação do estudo individual em casa por parte dos alunos.

De seguida, e sendo esta uma aula de revisões, os alunos irão proceder a leituras individuais e em conjunto e a uma exposição de ditados rítmicos através dos softwares mencionados; depois, serão corrigidas as incorreções mais evidentes que surgirem e serão trabalhadas as passagens mais complicadas de cada exercício, estruturando-os. Sempre que necessário exemplificarei, utilizando todos os recursos disponíveis para os alunos ouvirem e melhor perceberem o que devem melhorar.



4. Os alunos irão ser acompanhados passo a passo na realização das atividades a realizar pelos alunos, sendo encorajados na ultrapassagem das dificuldades, dando-lhe o *feedback* imediato sobre as aprendizagens conseguidas.

Sequencia de atividades de aprendizagem

- 5 min: esclarecimento dos objetivos, conteúdos e critérios de avaliação da aula;
- 15 min: fazer uma breve apresentação dos Softwares “*EarMaster*” e “*MuseScore*” e sua utilidade na sala de aula;
- 5 min: organização dos exercícios em grupo e/ou individual;
- 30 min: exercícios utilizando os softwares acima descritos e faixas áudio;
- 10 min: identificação das dificuldades individuais e em conjunto;
- 20 min: correção dos erros/falhas mais evidentes;
- 5 min: esclarecimento das restantes dúvidas e anotação de breves indicações nos cadernos diários. Auto e heteroavaliação.

Avaliação:

A avaliação será realizada com base nas competências definidas. Serão feitas correções ao longo da aula individualmente para melhorar o seu desempenho individual e colectivo. Relativamente à auto e heteroavaliação esta será feita no final da aula.

CATÓLICA PORTO



Parâmetros e critérios de avaliação

Domínio da Avaliação	CrITÉrios Gerais	CrITÉrios Específicos	Instrumentos Indicadores de Avaliação	%
COGNITIVOS: APTIDÕES CAPACIDADES COMPETÊNCIAS	Aquisição de competências essenciais e específicas;	Coordenação psico-motora; Regularidade em métodos de estudo; Sentidade: Pulsação; balanço; métrica; tonalidade; modalidade; centro tonal; centro modal; fraseado; afinação; temporal/métrico em termos polifônicos; articulação/dinâmica; características estilísticas de fraseado; expressividade; contornos melódicos; Contornos rítmicos; Capacidade de relacionar a nota com o som obtido; Agilidade, fluidez, rigor e segurança na execução. Capacidade de: Concentração; memorização; abordar a ambiência e estímulos materiais trabalhados; formulação e apreciação crítica; abordar e explorar material musical novo; diagnosticar problemas e resolvê-los.	<u>AVALIAÇÃO CONTÍNUA</u> Observação direta dos conhecimentos em termos de execução aula a aula.*	25 %
	Domínios dos conteúdos programáticos; Aplicação de conhecimento na nova situação; Evolução na aprendizagem; Hábitos de estudo;		<u>AVALIAÇÃO PERIÓDICA/FINAL /GLOBAL</u> Testes de Avaliação escritos e orais. Trabalhos de casa e, ou trabalho escrito	70 %
ATITUDES E VALORES	Desenvolvimento do sentido de responsabilidade e autonomia Desenvolvimento do espírito de: tolerância; seriedade; cooperação; equipa; turma; solidariedade Manifestação de hábitos de trabalho Motivação; Postura; Civismo;	Assiduidade e pontualidade; Apresentação do material necessário para a aula; Interesse e empenho na disciplina; Métodos de estudo; Atitude na sala de aula; Cumprimento das tarefas propostas; Cumprimento do trabalho de casa; Regularidade e qualidade do estudo; Participação nas atividades da escola (dentro e fora da escola); Respeito pelos outros, pelos materiais e equipamentos Escolares; Postura em apresentações públicas, como participante e como ouvinte;	<u>AVALIAÇÃO CONTÍNUA</u> Observação direta.*	5 %



A classificação é realizada da seguinte forma:

GRAU	PERCENTAGEM %	VALORES	NIVEL
Excelente	90-100	18-20	5
Satisfaz Bastante	70-89	14-17	4
Satisfaz	50-69	10-13	3
Não Satisfaz	30-49	6-9	2
Fraco	0-29	1-5	1

Bibliografia

- *Zamacois, Joaquin* – Teoria da Música
- *Fão, Artur* – Teoria Musical 1ª e 2ª parte
- *JOLLET* - Jeux de Rythmes... et Jeux de Clés– V
- *Fão, Artur* – Solfejos 1ª e 2ª parte
- *Edgar Willems* - Solfejo Curso Elementar
- *Pozzoli* – Guia teórico – prático



Anexo V: observação de práticas pedagógicas I

Observação de práticas pedagógicas I

I. Contextualização

Disciplina: Formação Musical Professor: Pedro Monteiro Ano/turma: 3º Grau
--

II. Registos de observação

Dimensões a observar:	+	-	Observações
1. Planificação			
1.1. Articulação com as aprendizagens anteriores			
1.2. Clareza dos objetivos da aula			
1.3. Clarificação da estratégia da aula			
1.4. Coerência das estratégias / atividades de aprendizagem com os conteúdos / competências a desenvolver			
1.5. Sequencialidade e articulação das atividades propostas			
1.6. Procedimentos de avaliação das aprendizagens realizadas pelos alunos.			
1.7. Adequação de equipamentos e recursos didáticos aos objetivos da aula e aos alunos			
2. Arranque da aula			
2.1. Tempo e eficácia da mobilização dos alunos para a aula			
2.2. Clarificação dos conteúdos a abordar			
2.3. Clarificação dos objetivos da aula			
2.4. Clarificação da estratégia da aula e das sequências de aprendizagem			
2.5. Verificação do trabalho de casa e <i>feedback</i>			
3. Desenvolvimento da aula			



3.1. Linguagem: correção, clareza, fluência e adequação ao nível dos alunos			
3.2. Sequencialidade e intencionalidade das atividades realizadas			
3.3. Clareza na explicitação, organização e condução das tarefas pedidas aos alunos			
3.4. Pertinência das atividades realizadas			
3.5. Adequação das atividades aos objetivos de aprendizagem			
3.6. Práticas de diferenciação pedagógica			
3.7. Promoção da participação e envolvimento de todos os alunos			
3.8. Valorização da participação dos alunos.			
3.9. Manutenção do interesse e atenção dos alunos			
3.10. Expectativas elevadas e realistas face às aprendizagens dos alunos			
3.11. Eficácia das interações pedagógicas promovidas			
3.12. Eficácia na gestão do tempo de aprendizagem para todos os alunos			
3.13. Manutenção de um clima de aula favorável à aprendizagem			
3.14. Gestão adequada de eventuais conflitos			
4. Verificação das aprendizagens realizadas			
4.1. Recurso regular a dinâmicas de autoavaliação			
4.2. Recolha de evidências das aprendizagens dos alunos ao longo da aula			
4.3. Existência de <i>feedback</i> sobre as aprendizagens dos alunos			
4.4. Existência de reforço positivo face às aprendizagens realizadas			
4.5. Reorientação da ação em função das evidências recolhidas			
5. Balanço global - Eficácia das práticas			
Foram atingidos os objetivos de aprendizagem propostos?			



III. Tópicos para reflexão pós observação:

Sugere-se que, primeiro o docente cujas práticas foram observadas, e só depois, o observador, reflitam sobre os seguintes pontos:

1. O que correu melhor na aula? Porquê?

2. O que correu menos bem? Porquê?

3. O que teria feito de maneira diferente?

4. Em conjunto, observador e observado deverão tentar delinear e registar estratégias concretas para a melhoria dos pontos identificados em 1.b.

Estratégias identificadas para a melhoria das práticas:

Assinatura do orientador científico:

Assinatura do orientador pedagógico:

Assinatura do mestrando: _____



Anexo VI: observação de práticas pedagógicas II

Guião de observação de práticas pedagógicas II

I. Contextualização

Disciplina: Formação Musical
Professor: Nuno Rodrigues
Ano/turma: 3º Grau

II. Registos de observação

Dimensões a observar:	+	-	Observações
1. Planificação			
1.1. Articulação com as aprendizagens anteriores	+		
1.2. Clareza dos objetivos da aula	+		
1.3. Clarificação da estratégia da aula	+		
1.4. Coerência das estratégias / atividades de aprendizagem com os conteúdos / competências a desenvolver	+		
1.5. Sequencialidade e articulação das atividades propostas	+		
1.6. Procedimentos de avaliação das aprendizagens realizadas pelos alunos.	+		
1.7. Adequação de equipamentos e recursos didáticos aos objetivos da aula e aos alunos	+		
2. Arranque da aula			
2.1. Tempo e eficácia da mobilização dos alunos para a aula	+		
2.2. Clarificação dos conteúdos a abordar	+		
2.3. Clarificação dos objetivos da aula	+		
2.4. Clarificação da estratégia da aula e das sequências de aprendizagem	+		
2.5. Verificação do trabalho de casa e <i>feedback</i>	+		
3. Desenvolvimento da aula			
3.1. Linguagem: correção, clareza, fluência e adequação ao nível dos alunos	+		



3.2. Sequencialidade e intencionalidade das atividades realizadas	+		
3.3. Clareza na explicitação, organização e condução das tarefas pedidas aos alunos	+		
3.4. Pertinência das atividades realizadas	+		
3.5. Adequação das atividades aos objetivos de aprendizagem	+		
3.6. Práticas de diferenciação pedagógica	+		
3.7. Promoção da participação e envolvimento de todos os alunos	+		
3.8. Valorização da participação dos alunos.	+		
3.9. Manutenção do interesse e atenção dos alunos	+		
3.10. Expectativas elevadas e realistas face às aprendizagens dos alunos	+		
3.11. Eficácia das interações pedagógicas promovidas	+		
3.12. Eficácia na gestão do tempo de aprendizagem para todos os alunos	+		
3.13. Manutenção de um clima de aula favorável à aprendizagem	+		
3.14. Gestão adequada de eventuais conflitos	+		
4. Verificação das aprendizagens realizadas			
4.1. Recurso regular a dinâmicas de autoavaliação	+		
4.2. Recolha de evidências das aprendizagens dos alunos ao longo da aula	+		
4.3. Existência de <i>feedback</i> sobre as aprendizagens dos alunos	+		
4.4. Existência de reforço positivo face às aprendizagens realizadas	+		
4.5. Reorientação da ação em função das evidências recolhidas	+		
5. Balanço global - Eficácia das práticas			
Foram atingidos os objetivos de aprendizagem propostos?	+		

III. Tópicos para reflexão pós observação:



Sugere-se que, primeiro o docente cujas práticas foram observadas, e só depois, o observador, reflitam sobre os seguintes pontos:

1. O que correu melhor na aula? Porquê?

De todos os pontos, considerados na sua totalidade como positivos, destaca-se a capacidade do professor de conseguir manter sempre um bom ritmo de aula, mantendo o nível de interesse e motivação nas várias tarefas propostas e concluídas pelos alunos no tempo programado.

2. O que correu menos bem? Porquê?

No todo não se podem falar de pontos negativos ou menos positivos, dado o balanço muito positivo.

3. O que teria feito de maneira diferente?

Por uma questão de preferência pessoal (não entendida como melhor ou pior) teria optado por uma estratégia pedagógica que recorresse durante mais tempo a entoação melódica, acompanhada ou não, em grupo e/ou a pares / pequenos grupos, para reforçar o ouvido e a afinação.

4. Em conjunto, observador e observado deverão tentar delinear e registar estratégias concretas para a melhoria dos pontos identificados em 1.b.

- Estratégias identificadas para a melhoria das práticas:

Entendidas as práticas como bem conseguidas no seu planeamento e execução, a questão está em manter o bom nível e apenas procurar distribuir na medida do possível o tempo necessário consoante as prioridades do momento.

Assinatura do orientador científico:

Assinatura do orientador pedagógico:

Assinatura do mestrando:



Anexo VII: Ficha de autoavaliação



FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO



Chegado ao fim do nosso projeto, vamos tirar um tempo letivo em conjunto para refletir sobre o teu envolvimento nesta atividade e fazer a proposta da tua avaliação. Por favor lê atentamente cada um dos itens de avaliação e preenche a grelha de acordo com o trabalho que tiveste ao longo de todas as aulas de Formação Musical dedicadas a esta atividade. No final da aula, entrega esta ficha ao professor.

1-Nunca 2-Raramente 3-Às vezes 4-Quase Sempre 5- Sempre

DOMÍNIO DOS CONHECIMENTOS	1	2	3	4	5	NOTAS
EARMMASTER & MUESCORE						
Consegui perceber e escrever individualmente todas as células rítmicas.						
Consegui perceber e escrever em conjunto todas as células rítmicas.						
Consegui reproduzir o ritmo escrito.						
Consegui perceber como funcionam os softwares.						
Futuramente vou utilizar o software como ferramenta de ajuda ao estudo.						
Os exercícios ajudaram-me a melhorar auditivamente.						
Envolvimento, Motivação e Iniciativa						
Escolhi o repertório para o projeto Musescore em conjunto com os meus colegas						
Sinto-me mais motivado para a música depois deste projeto de intervenção.						
Superei todos os desentendimentos com os meus colegas no decorrer do projeto.						
Gostaria que o uso de tecnologias fosse mais utilizado.						

DOMÍNIO DAS ATITUDES E VALORES	1	2	3	4	5	OBSERVAÇÕES
Responsabilidade						
Sou assíduo(a) e pontual.						
Realizo os TPC.						
Cumpro tarefas propostas.						
Estou atento(a) e concentrado(a) nas aulas.						
Levo o material estudado para a sala de aula.						
Comporto-me de forma adequada.						
Participação						
Exprimo dúvidas e dificuldades quando necessito.						
Participo de forma empenhada em qualquer actividade.						
Autonomia						
Consigo realizar atividades sem ajuda.						
Procuro soluções para resolver os problemas que surgem na realização das atividades em grupo						
Sociabilidade e espírito crítico						
Respeito as opiniões dos outros mesmo não estando de acordo.						
Sou recetivo(a) às críticas construtivas.						
Sou capaz de me avaliar e de avaliar os meus colegas.						

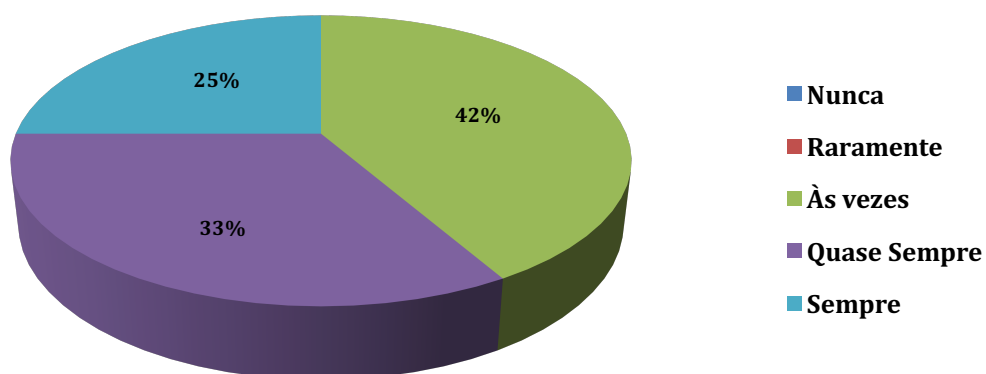
Obrigado!
O Professor de Formação Musical



Anexo VIII: Questionário e tratamento de resultados

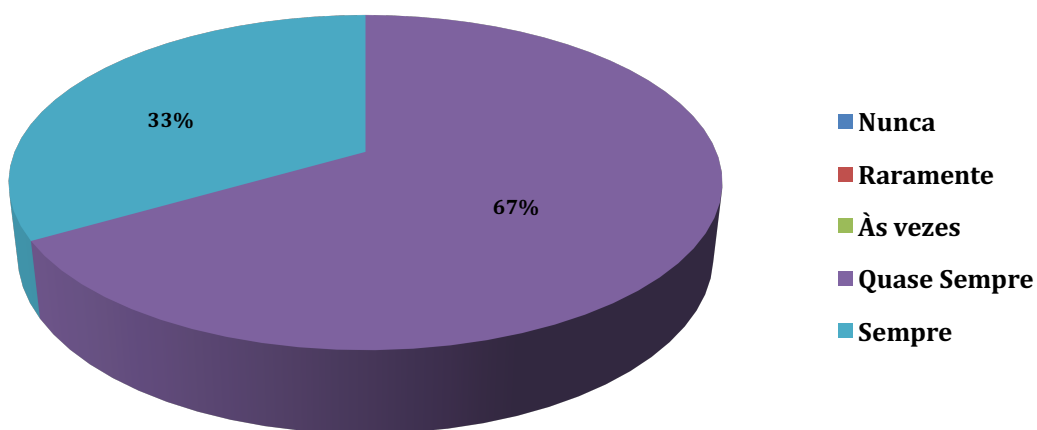
EARMASTER & MUESCORE

Conseguir perceber e escrever individualmente todas as células rítmicas.



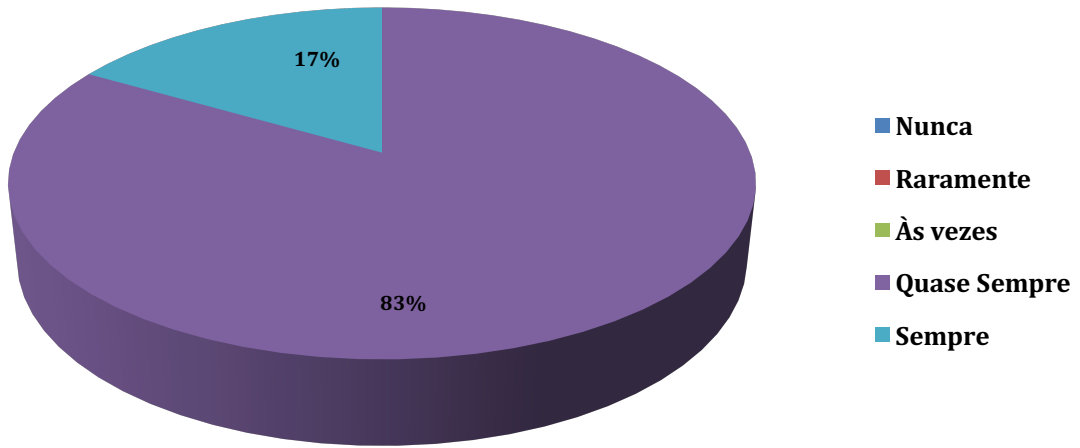
EARMASTER & MUESCORE

Conseguir perceber e escrever em conjunto todas as células rítmicas.

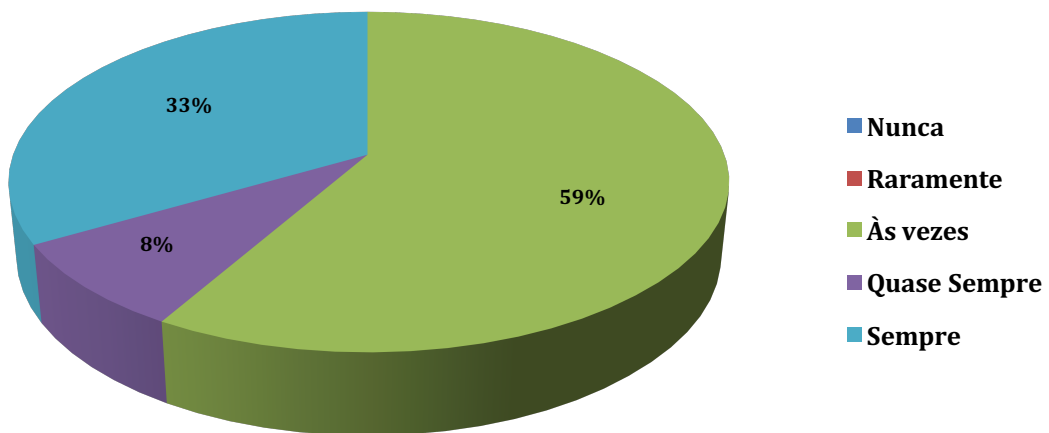




EARMASTER & MUESCORE
Conseguir reproduzir o ritmo escrito.

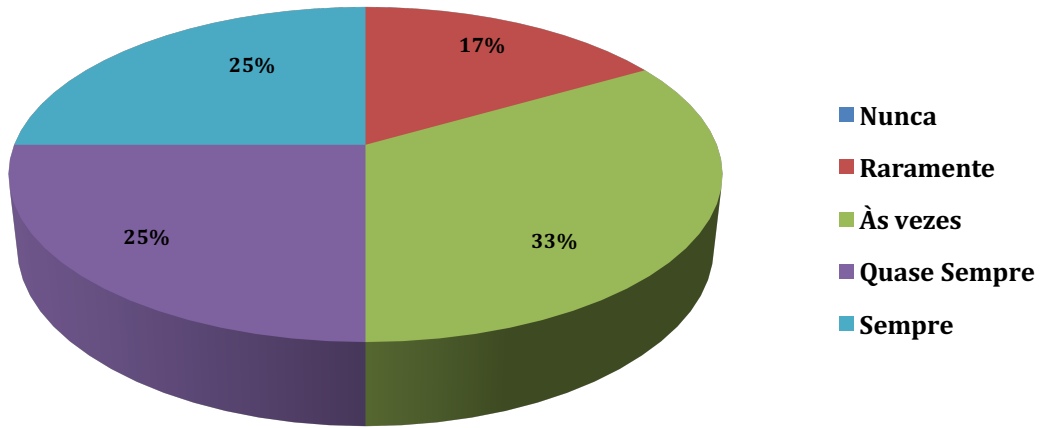


EARMASTER & MUESCORE
Conseguir perceber como funcionam os softwares.

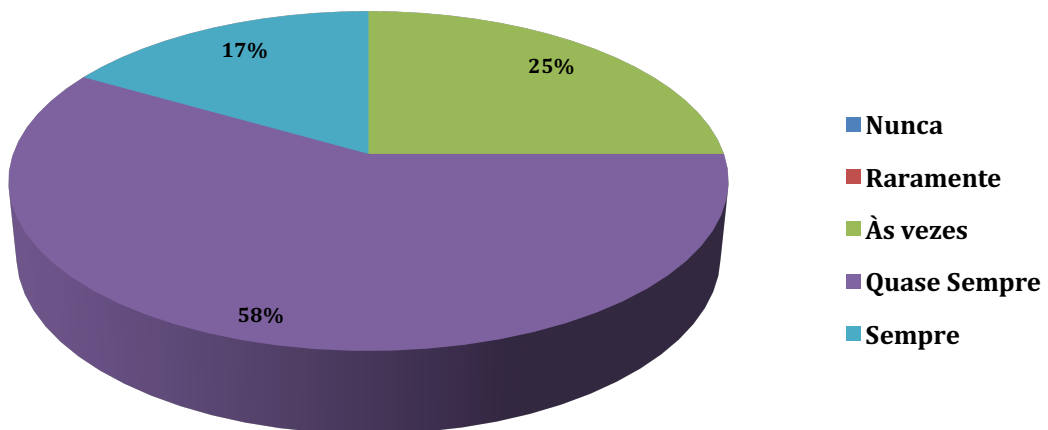




EARMASTER & MUESCORE
Futuramente vou utilizar o software como ferramenta de ajuda ao estudo.



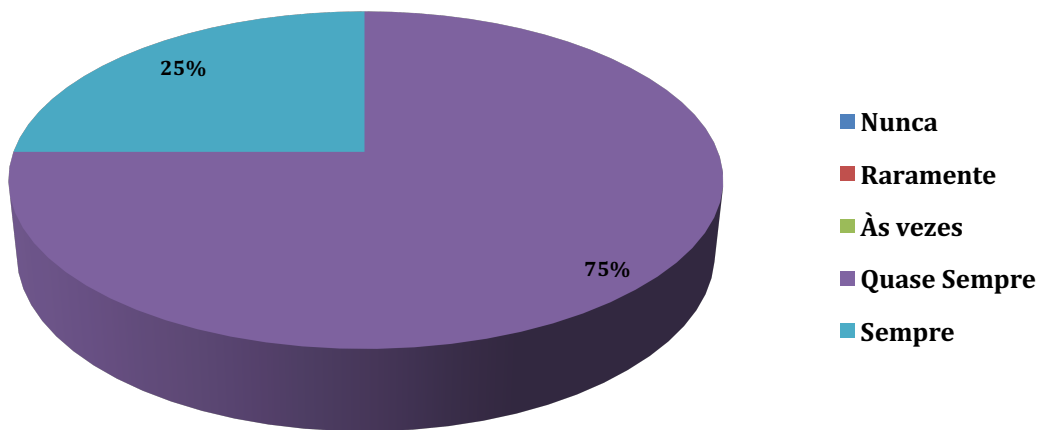
EARMASTER & MUESCORE
Os exercícios ajudaram-me a melhorar auditivamente.





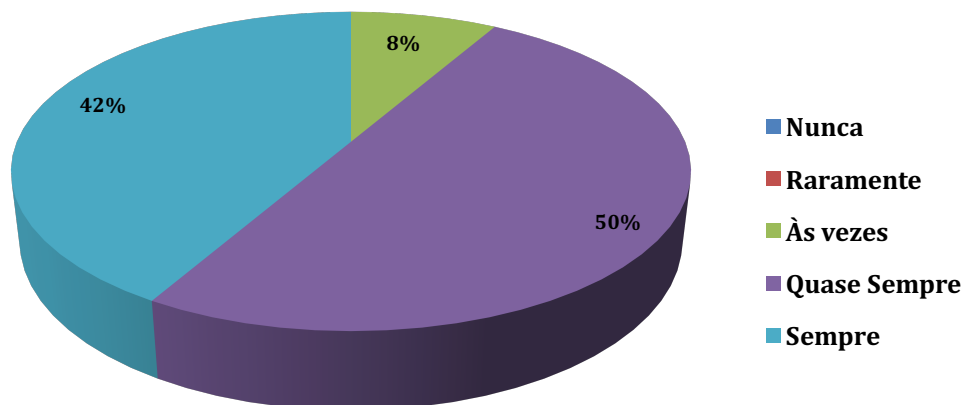
ENVOLVIMENTO, MOTIVAÇÃO E INICIATIVA

Escolhi o repertório para o projeto Musescore em conjunto com os meus colegas



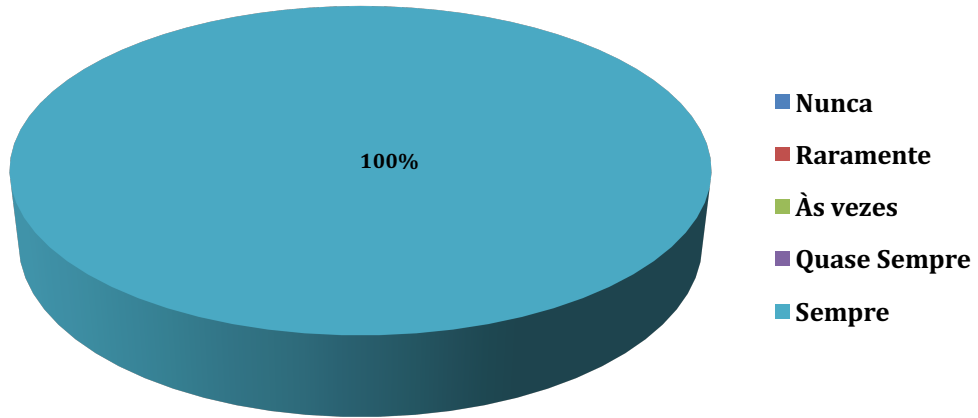
ENVOLVIMENTO, MOTIVAÇÃO E INICIATIVA

Sinto-me mais motivado para a música depois deste projeto de intervenção.

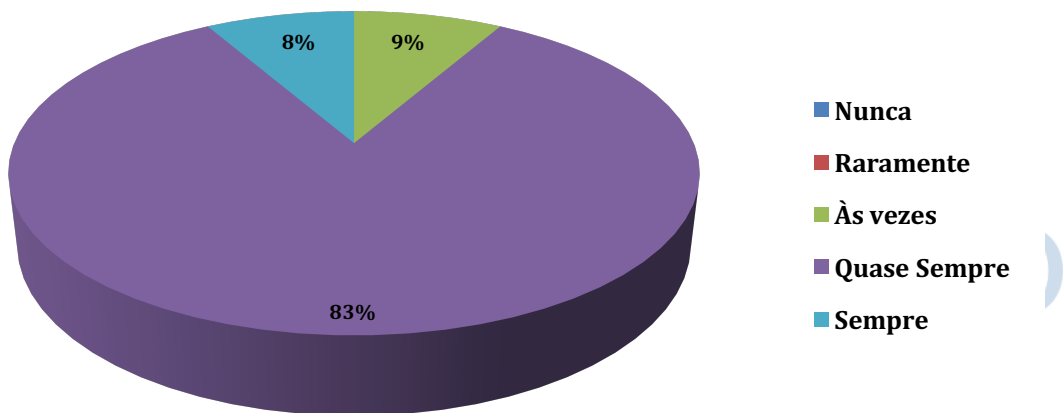




ENVOLVIMENTO, MOTIVAÇÃO E INICIATIVA
Superei todos os desentendimentos com os meus colegas no decorrer do projeto.

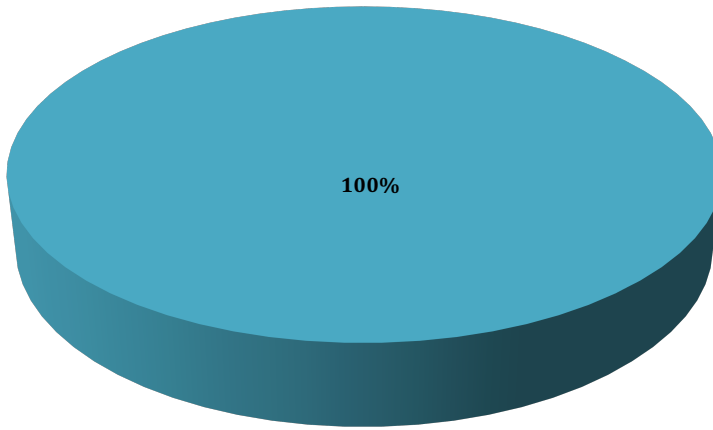


ENVOLVIMENTO, MOTIVAÇÃO E INICIATIVA
Gostaria que o uso de tecnologias fosse mais utilizado.



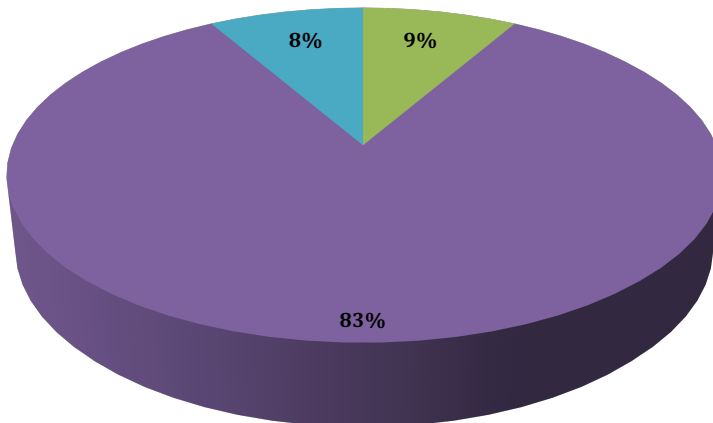


RESPONSABILIDADE
Sou assíduo(a) e pontual



- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Quase Sempre
- Sempre

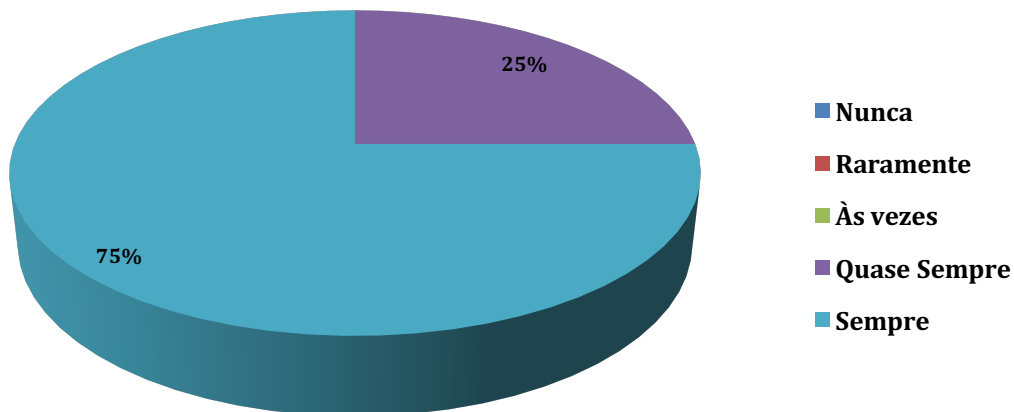
RESPONSABILIDADE
Realizo os TPC



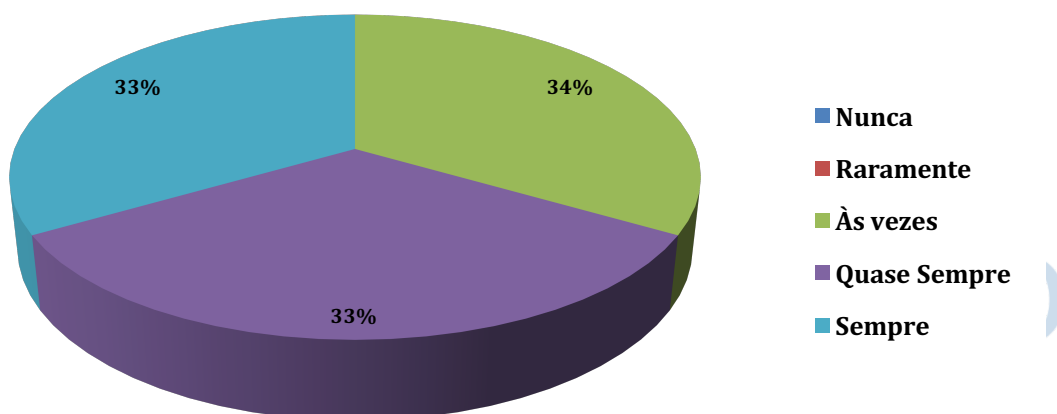
- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Quase Sempre
- Sempre



RESPONSABILIDADE Cumpro tarefas propostas

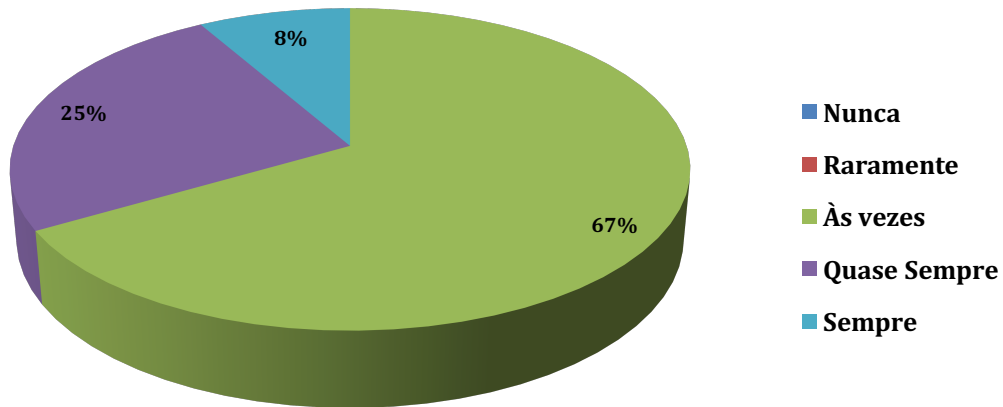


RESPONSABILIDADE Estou atento(a) e concentrado(a) nas aulas

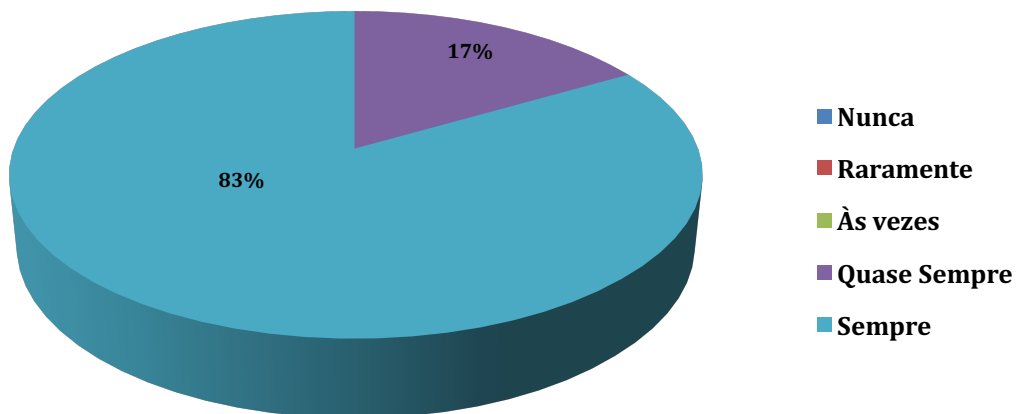




RESPONSABILIDADE
Levo o material estudado para a sala de aula

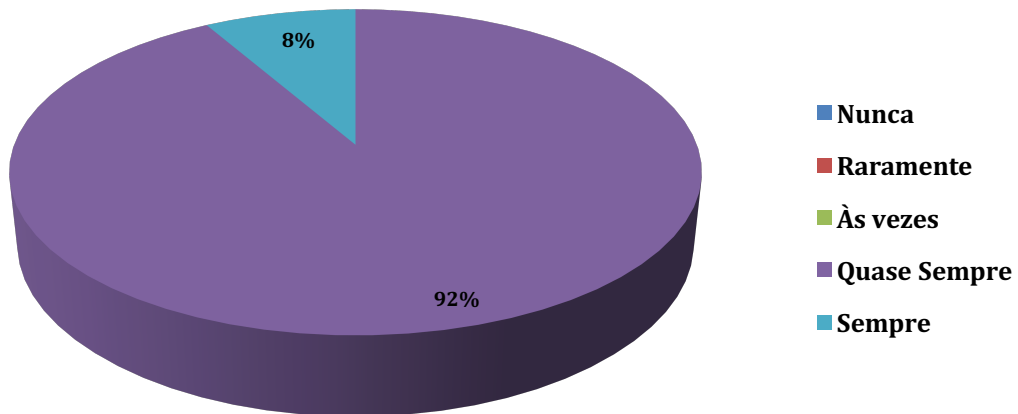


RESPONSABILIDADE
Comporto-me de forma adequada

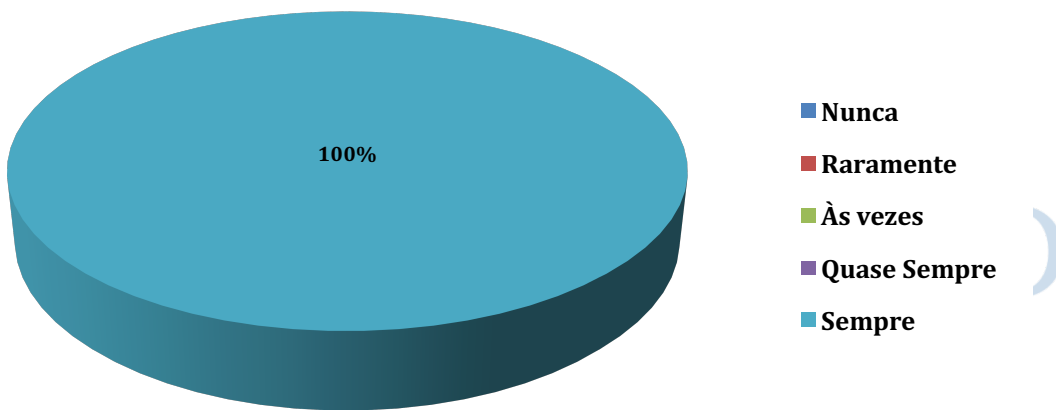




PARTICIPAÇÃO
Exprimo dúvidas e dificuldades quando necessito

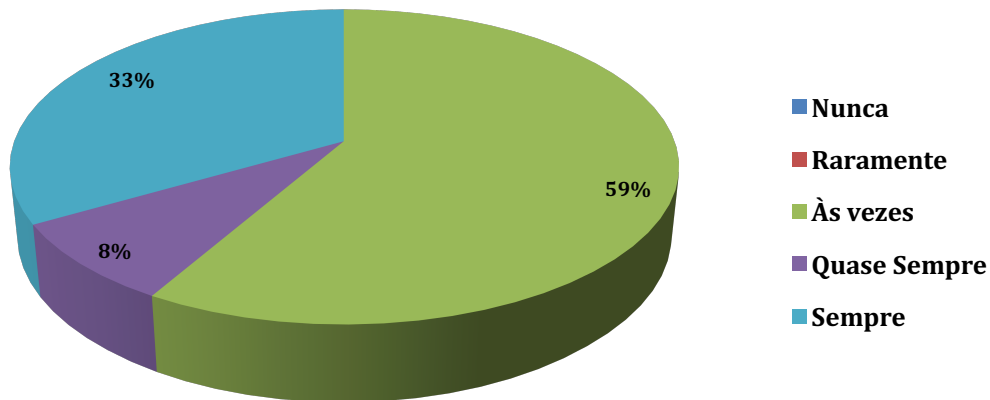


PARTICIPAÇÃO
Participo de forma empenhada em qualquer actividade

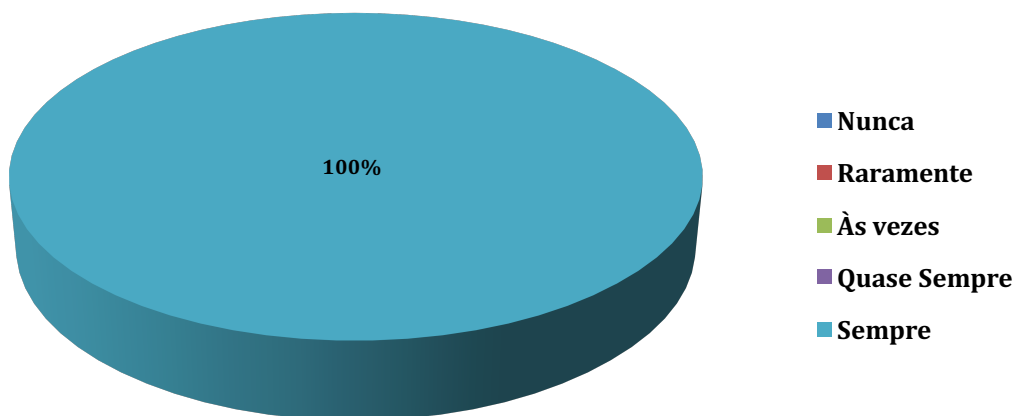




AUTONOMIA
Consoo realizar atividades sem ajuda

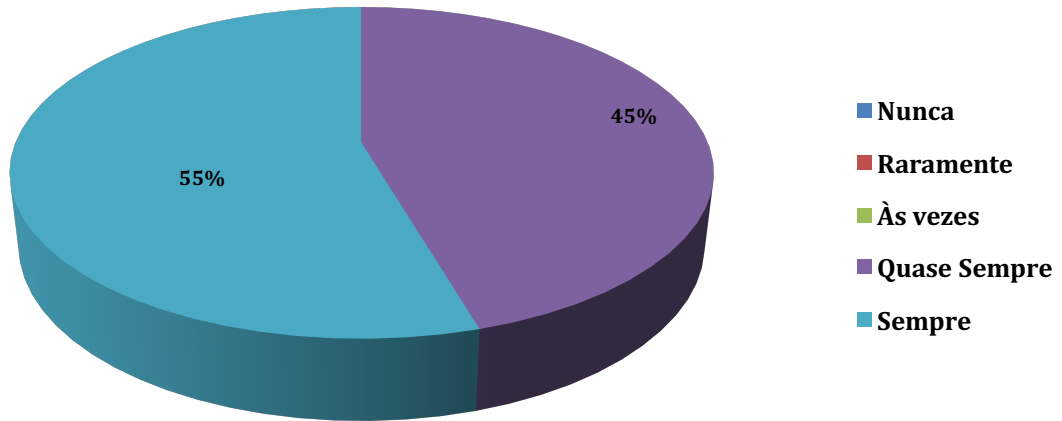


AUTONOMIA
**Procuo soluções para resolver os problemas que surgem na
realização das atividades em grupo**

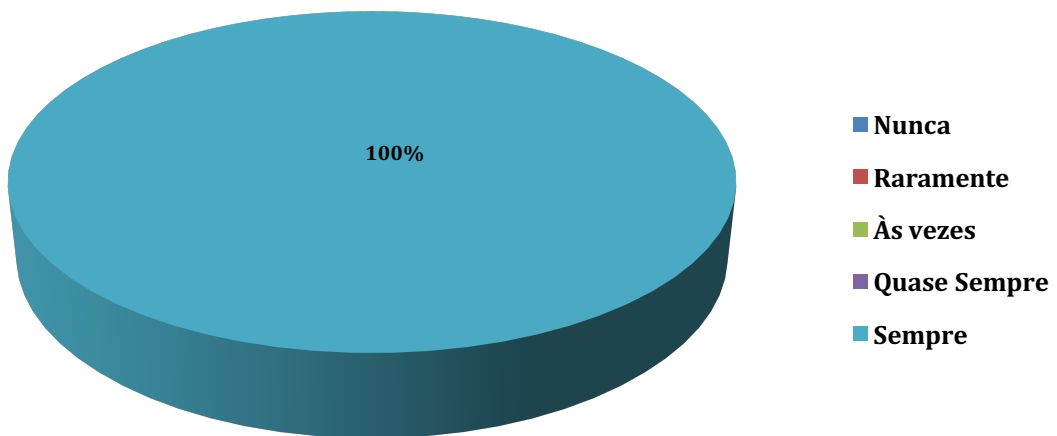




SOCIABILIDADE E ESPIRITO CRITICO
Respeito as opiniões dos outros mesmo não estando de acordo

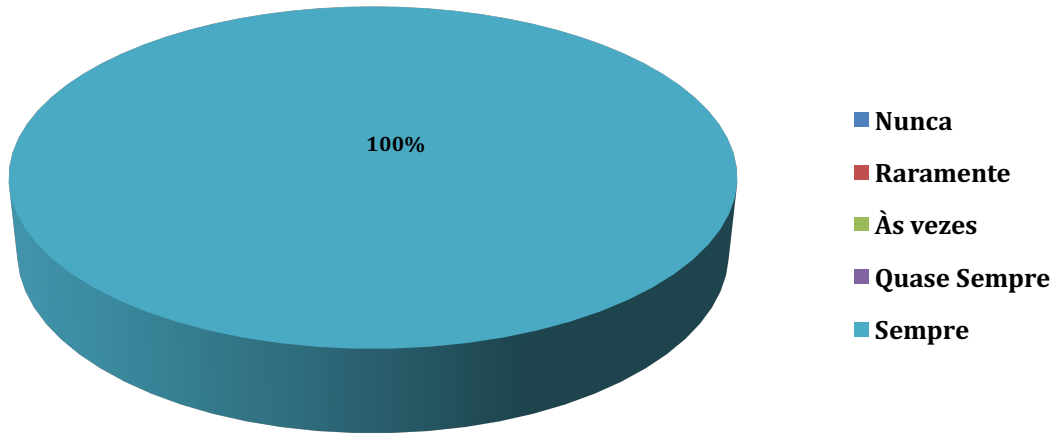


SOCIABILIDADE E ESPIRITO CRITICO
Sou recetivo(a) às críticas construtivas





SOCIABILIDADE E ESPIRITO CRITICO
Sou capaz de me avaliar e de avaliar os meus colegas



CATÓLICA PORTO



CATÓLICA

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO

Escola das Artes

Anexo IX: Pedido de Autorização



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Exmo(a) Sr.(ª) Encarregado de Educação,

Eu, Valter Miguel Soares Estevens, Docente de Formação Musical no Conservatório Regional do Algarve e discente do Mestrado em Ensino da Música na Universidade Católica Portuguesa do Porto - Escola das Artes, solicito a sua autorização para a recolha de imagem (fotografia e/ou vídeo) e participação em questionários do seu educando(a), da turma do 3.º grau, no âmbito das atividades letivas da implementação meu projeto de intervenção “*A utilização das novas tecnologias no ensino da Música*”. A utilização destes aspectos são imprescindível para a realização de uma análise mais rigorosa dos dados relevantes para o estudo em causa. A gravação das aulas destina-se unicamente a este fim e os dados recolhidos serão absolutamente confidenciais. As imagens, vídeos, relatórios e questionários realizados servirão unicamente para fins académicos estando a identidade e privacidade dos alunos assegurada.

Na expectativa de poder contar com a Vossa colaboração, apresento os meus respeitosos cumprimentos.

O professor

Valter Miguel Soares Estevens

Eu (nome), _____, Encarregado(a) de Educação do(a) aluno(a) _____,

nº ____, turma ____, declaro que:

___ autorizo a participação das aulas acima referidas.

___ não autorizo a participação das aulas acima referidas.

(Assinatura do(a) Encarregado(a) de Educação)